

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO**

**A HISTÓRIA DE VIDA E AUTO(TRANS)FORMAÇÃO DE
UMA MULHER: EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO
VIA AÇÕES AFIRMATIVAS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Carla de Freitas da Silva

Santa Maria, RS, Brasil.

2018

**A HISTÓRIA DE VIDA E AUTO(TRANS)FORMAÇÃO DE
UMA MULHER: EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO
VIA AÇÕES AFIRMATIVAS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA**

Carla de Freitas da Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia Noturno, área da Educação,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS)
como requisito para obtenção do grau de
Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Carla Hollweg Powaczuk

Santa Maria, RS, Brasil.

2018

Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Educação

Curso de Licenciatura em Pedagogia Noturno

**A HISTÓRIA DE VIDA E AUTO(TRANS)FORMAÇÃO DE
UMA MULHER: EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO
VIA AÇÕES AFIRMATIVAS NA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA MARIA**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o
Trabalho de Conclusão de Curso

Elaborado por

Carla de Freitas da Silva

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Graduada em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

**Profª Drª Ana Carla Hollweg Powaczuk (UFSM)
(Presidente/Orientador)**

Profª Drª Scheila Fagundes Goulart

Santa Maria, 03 de agosto de 2018.

AGRADECIMENTOS

Mais importante que a chegada é o caminhar; mais importante que o destino é a estrada que nos leva até ele.

Nesse momento de finalização de mais um ciclo, faz-se necessário agradecer a cada um que tornou o caminho mais leve, mas também àqueles que impulsionaram meu desejo de seguir em frente.

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado saúde e forças para superar as dificuldades nos momentos de angústias. Sem ele, nada disso seria possível.

À Universidade Federal de Santa Maria deixo uma palavra de gratidão por ter me recebido e me proporcionado dias muito ricos em aprendizagens.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Carla Hollweg Powaczuk, que foi como um anjo em todos os momentos, sempre presente ampliando meus conhecimentos, obrigada pelos incentivos, pelas correções, pela atenção e pelo carinho.

À minha família e aos meus filhos, que foram de fundamental importância, agradeço por todo o apoio, o incentivo, o carinho, a compreensão e o suporte necessários para que esses dez anos de estudos pudessem ser concretizados. Vocês foram a mobilização e a principal razão de hoje eu estar aqui.

Ao meu esposo, que sempre acreditou no meu potencial, obrigada pela compreensão, pelo carinho, e pela paciência nos momentos de tensões. Sua tranquilidade foi inspiradora, me fortalecendo diariamente.

Aos meus pais, que sempre demonstraram imenso orgulho e satisfação pelas minhas conquistas, compreendendo minhas ausências e me incentivando a continuar meus caminhos, obrigada.

Às colegas de curso, que vivenciaram comigo a experiência fantástica da graduação, agradeço a parceria. Em especial, agradeço a minha querida amiga Adriana, essa foi essencial, partilhamos alegrias, tristezas, angústias, vitórias e sucessos, e, assim, constituímos laços de amizade que desejo levar para a vida toda.

Por fim, mas não menos importante, deixo minha palavra de gratidão a todas as pessoas que de alguma forma tocaram meu coração e me transmitiram força e confiança, acreditando que tudo seria possível. Desde todas as manifestações de carinho até os questionamentos sobre minhas ausências.

A todos, o meu muito obrigada!

Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de comunicar-se. Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores- domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade (FREIRE, 1981, p.53).

Paulo Freire

Resumo: Este trabalho é uma pesquisa narrativa autobiográfica que traz fragmentos de minha trajetória para tecer considerações sobre o poder emancipatório da educação, colocando em destaque a relevância das políticas afirmativas no contexto da Universidade Federal de Santa Maria. A situação de cotista da Universidade me mobiliza a falar sobre essa política que tem garantido o ingresso de muitos jovens no ensino superior. O Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social foi instituído na UFSM pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), através da Resolução N° 011/07 e já a partir de 2008, vagas começaram a ser destinadas nos processos seletivos, no vestibular, no PEIES, no reingresso e nas transferências para afro-brasileiros, para alunos que cursaram todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas, para portadores de necessidades especiais e para indígenas. Sou a prova viva da contribuição das políticas afirmativas para o processo emancipatório dos sujeitos. Muito já foi feito com a garantia do acesso, a luta agora será pela permanência. O principal referencial teórico que utilizo são as Pedagogias do Oprimido e da Autonomia, de Freire (2015, 2016) e as Experiências de Vida e Formação, de Josso (2004).

Palavras-chave: Opressão; Autonomia; Ações Afirmativas.

Sumário

Para início de conversa...	10
Itinerários de infância e do processo de escolarização inicial	19
Opressores e Oprimidos. Sem opção, a decisão.	38
O conceito de reprodução de Bourdieu. Nasce uma menina-mãe.	45
As responsabilidades da vida adulta.	53
Momento-charneira. Decisões de vida adulta.	60
A luz no fim do túnel. O recomeço.	67
Enceja-INEP 2008. O primeiro passo.	71
Enquanto isso, na Universidade, dava-se início às ações afirmativas.	76
O segundo passo. Rumo ao Ensino Médio.	79
Um passo de cada vez. A hora de lutar pelo acesso ao Ensino Superior.	96
As Ações Afirmativas abrindo portas por tanto tempo trancadas	98
Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena – Noturno.	103
Depois da garantia do acesso, dificuldades na permanência.	112
O que posso dizer depois disso tudo: a síntese.	123
REFERÊNCIAS:	132
Anexo I – Lista de figuras	137

Para início de conversa¹...

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa narrativa autobiográfica que tece, a partir de memórias e eventos de minha trajetória relatados através de fragmentos trazidos do meu diário pessoal, considerações sobre o poder emancipatório da educação, colocando em destaque a relevância das políticas afirmativas no contexto da Universidade Federal de Santa Maria.

Minha mobilização para essa pesquisa nasceu de minha circunstância como cotista na Universidade Federal de Santa Maria. Uma política que tem garantido o ingresso de muitos jovens no ensino superior, visando eliminar desigualdades históricas de determinados grupos.

Essas ações são promovidas na Universidade desde 2008. Em 2007, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da UFSM instituiu o Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social, sob a Resolução Nº 011/07. Através dele, já a partir do ano seguinte, a

¹ Usarei a fonte Monotype Corsiva como recurso ortográfico, para transcrever as falas do meu diário. Sempre morei em Santa Maria, aqui se passaram todos os acontecimentos que relato. Assim, não repetirei o local dos fatos. Lista de figuras no Anexo 1.

UFSM passou a destinar um número específico de vagas nos processos seletivos no vestibular, no Programa Experimental de Ingresso ao Ensino Superior (PEIS), no reingresso e nas transferências para afro-brasileiros, para alunos que cursaram todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas, para portadores de necessidades especiais e para indígenas.

Tal iniciativa direcionou-se/direciona-se a dar oportunidade de acesso ao ensino superior a uma parcela da população excluída dos bancos escolares. Importa considerar que a expansão do ensino superior brasileiro não beneficiou a população de baixa renda, que depende essencialmente do ensino público. De acordo com Zago (2006), a universidade pública expandiu-se no período compreendido entre 1930 e 1970, mas, desse período até os dias atuais, as políticas mercantilistas do ensino superior fortaleceram o setor privado, que hoje detém aproximadamente 90% das instituições e 70% do total de matrículas (INEP. 2004, p. 8-19).

A ampliação do número de vagas foi considerável nos últimos anos, mas sua polarização no ensino pago não reduziu as desigualdades entre grupos sociais.

“Estudo recente do Observatório Universitário da Universidade Cândido Mendes revela que 25% dos potenciais alunos universitários são tão carentes que ‘não têm condições de entrar no ensino superior, mesmo se ele for gratuito’” (PACHECO e RISTOFF, 2004, p. 9). Uma efetiva democratização da educação requer políticas para a ampliação do acesso e do fortalecimento do ensino público, em todos os seus níveis, mas requer também políticas voltadas para a permanência dos estudantes no sistema educacional de ensino.

A constatação de que “existe um grupo de estudantes pobres e muito pobres que estão conseguindo ultrapassar barreiras ao longo de suas trajetórias escolares, ingressar e permanecer nas universidades públicas” (BORI e DURHAM, 2000, p. 41) deve ser acompanhada de estudos que permitam conhecer as reais condições dessa escolarização. Essa observação remete à pesquisa voltada para a condição do estudante universitário, perspectiva com a qual esta pesquisa se identifica.

Sou integrante do grupo que teve acesso, via ações afirmativas, à Universidade Federal de Santa Maria

e ao contexto universitário, no ano de 2013. Nesta perspectiva, sendo eu uma integrante desse grupo, me sinto com a responsabilidade social e acadêmica de fomentar o debate sobre a contribuição das políticas afirmativas para o processo emancipatório dos sujeitos, em especial quando nos deparamos com críticas sobre o caráter compensatório das cotas, ou da implicação numa suposta baixa da qualidade no ensino superior.

Minha opção, por isso, é de relatar minha trajetória de vida e de formação, como forma de ilustrar o que acredito ser um “exemplo vivo” do que pode, ou de como as ações afirmativas repercutem na vida de um indivíduo. Esse direcionamento aproxima-se das considerações de Zago (2006) quando destaca a problemática do estudante universitário de origem popular, como uma das tendências de pesquisa que vem se destacando nas últimas décadas, especialmente pelos casos que fogem à tendência dominante, voltada para o chamado fracasso escolar nesses meios sociais.

De acordo com esta autora “são poucos os estudos que tentam explicar como algumas pessoas conseguem escapar disso. Tanto já foi repetido que pobreza gera

pobreza e por vezes desvio, que se tornou muito difícil, e mais complicado, explicar como alguns rompem esse círculo vicioso” (ZAGO. 2006, p. 227).

Nesse sentido, concordo que estudar esses casos, identificando “o que permite a alguns fugir ao círculo vicioso que leva à exclusão e à marginalidade, pode ser tão ou mais útil para propostas de políticas



Figura 1. Transformação

sociais quanto apontar esse círculo vicioso” (idem, p. 227).

Nesta perspectiva, esse estudo é tecido pelos fios de minhas memórias a partir do diálogo estabelecido com as múltiplas vivências que tive ao longo de minha trajetória. Foi necessário, ao longo deste estudo, revisitar, olhar atentamente, olhar de novo de modo a viver novamente cada instante de minha vida.

De fato, foi a produção de uma experiência intensa

de formação, pois, de acordo com Bondiá (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Por isso, a pesquisa autobiográfica foi uma escolha para que pudesse melhor compreender meus itinerários formativos. Uma pesquisa com interesse genuíno de compreender os caminhos pelos quais fui me forjando como pessoa e educadora.

A pesquisa autobiográfica caracteriza-se como sendo o estudo do indivíduo, com vistas a conhecer a própria trajetória de vida pessoal, profissional e as significações que o sujeito constrói sobre si e suas aprendizagens, constituindo uma descrição dos diferentes momentos significativos na vida do indivíduo, bem como suas relações pessoais, acadêmicas e profissionais.

Nóvoa (2010) apresenta uma consideração importante. Segundo o autor, o estudo das histórias de vida e o método autobiográfico permitem repensar as questões que circundam a formação do indivíduo, e acentua a ideia de que “ninguém forma ninguém”, o que nos leva a compreender que o próprio indivíduo significa e

escolhe a trajetória de sua própria formação, levando a um trabalho de reflexão sobre o próprio percurso de vida.

O estudo das histórias de vida e o método autobiográfico permitiram pensar e repensar as questões significativas que permearam minha formação. Meu objetivo, ao longo do estudo, foi sendo (re)descoberto e foi me levando a melhor compreender a relevância das ações afirmativas no ensino superior.

E assim como [...] a história do “nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos” (BUENO, apud FERRAROTTI 2002, p.19), o movimento permanente, configurado, me possibilitou a construção de experiências, antes inimagináveis diante dos desafios enfrentados na trajetória.

Durante a pesquisa autobiográfica, pude perceber os desdobramentos que permitiram inserir-me, auto(trans)formar meus olhares, minhas percepções, minha reconfiguração, dando um novo sentido à minha formação. Um processo de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois a pesquisa autobiográfica põe em

evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos (ABRAÃO, apud MOITA, 2003).

Nesta perspectiva, as narrativas autobiográficas compreendem a reflexão, não como um processo psicológico individual, mas como uma atividade contextualizada histórica e culturalmente, como resultado de um movimento em que o sujeito da experiência se deixa tocar, numa constante avaliação, pessoal e profissional, do movimento consigo, com o outro e com o mundo.

Um movimento de ida porque a experiência supõe um movimento de exteriorização, de saída de mim mesmo [...] E um movimento de volta porque a experiência supõe que o acontecimento afeta a mim, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero etc. (LARROSA, 2011, p. 7).

Este processo permitiu analisar minha trajetória com maior sensibilidade. Pude analisar os movimentos que mobilizaram minhas potencialidades, em uma busca constante de aprendizados e experiências através de reflexões e questionamentos, tanto no fim de uma

interrogação, quanto como ponto de partida de outra.

Minhas experiências formativas me possibilitaram



Figura 2. Auto(trans)formação

evoluir construções,

(re)significar atos e

atitudes e me levaram ao

(auto)conhecimento.

Através do registro das

narrativas, pude ampliar

as aprendizagens,

(des)construindo

(pré)conceitos e

(re)construindo novos

sentidos às minhas

experiências como modo de superação e

auto(trans)formação, pessoal, profissional, cultural e

social. Como destaca Josso:

As experiências de transformação das nossas identidades e da nossa subjetividade são tão variadas que a maneira mais geral de descrevê-las consiste em falar de acontecimentos, de atividades, situações ou de encontros que servem de contexto para determinadas aprendizagens (JOSSO, 2004, p.44).

Nesta direção, convido ao leitor que me

acompanhe nesta retomada de vida e de formação. Trago fragmentos do meu diário, no qual digo minha palavra, conto minha história, desvelo medos, angústias, segredos, desejos, sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano que vem me constituindo gente; apresento minha história, minha (auto)biografia. Inicio trazendo itinerários de minha infância e de meu processo de escolarização inicial; posteriormente, trago o acesso e a permanência no Ensino superior, desafios e superações; por fim, finalizo com a pausa necessária a conclusão desta escrita e que me levará adiante, para novos desafios, para novos inéditos viáveis; pois, quem poderá determinar até onde podemos chegar senão a história tecida nos fios do cotidiano...

Itinerários de infância e do processo de escolarização inicial

Não se consegue escrever algo sobre si mesmo que seja mais verdadeiro do que aquilo que se é. Essa é a diferença entre escrever sobre si mesmo e escrever sobre objetos externos. Escreve-se sobre si mesmo da sua própria altura, não apoiado em muletas ou andaimes, mas com pés descalços (WITTGESTEIN, Ludwig. In JOSSO, 2010, p.11).

As memórias de minha trajetória me levam ao mergulho em uma viagem ao passado, ao qual, sou imensamente grata e ao qual visito com os pés descalços, com a alma limpa e munida da coragem necessária para (re)viver os fatos que me constituíram e que possibilitaram a que eu chegasse a esse momento. Tenho muito orgulho de todas as experiências vividas; elas me constituíram e me transformaram no ser humano que hoje sou.

A Constituição Federal do Brasil (1988) prevê, explicitamente, no art. 6º, todos os Direitos Sociais. São eles, o direito à educação, à saúde, à alimentação, ao trabalho, à moradia, ao transporte, ao lazer, à segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância e à assistência aos desamparados. Esses direitos estão todos entrelaçados entre si e são o mínimo necessário para que as pessoas tenham condições de viver com dignidade. Nossa família estava privada do acesso à maioria desses direitos.

Santa Maria, maio de 1981. Minha origem familiar...



Figura 3. Festa de aniversário de 1 ano do primeiro filho.

Família Silva²

Nasci em uma família grande, sou a filha do meio entre sete irmãos, meu pai trabalha como servente de obras e minha mãe trabalha como empregada doméstica. Vivemos a infância em uma casa simples e pequena, na região norte da cidade. Meus pais não têm as condições financeiras suficientes para suprir nossas necessidades básicas.

Março de 1988... Início do meu percurso (calvário) escolar.

Tenho sete anos de idade e estou vivendo um momento especialmente marcante em minha vida: início o primeiro ano do ensino

² Esse é uns dos poucos registros que possuo, com os familiares, minha mãe (direita abaixada), irmãos, primos, tias, eu com 16 anos (no centro, acima) e meu primeiro filho (no centro, acima, pouco aparece).

fundamental. Todas as manhãs, logo cedo, minha mãe me acordá, e aos meus seis irmãos, para irmos à aula. Levantamos e ela não tarda a vir ajudar a nos vestir. É inverno, está muito frio, as temperaturas são rigorosas e somos obrigados a colocarmos o máximo de roupas que conseguimos, umas por cima das outras. Da cozinha, o fogão a lenha aquece nossa casa e também nosso café, que, em muitos dias, é somente água doce que tomamos enquanto comemos bolinhos feitos de farinha, água e açúcar, que chamamos "bolinho de sola" e todos adoramos.



Figura 4. Fachada da Escola Cícero Barreto.

E então, já é hora de sair. Seguimos a pé para a Escola Básica Estadual Cícero Barreto, localizada na Rua Serafim Valandro, nº 385, no centro da cidade de Santa Maria-RS. A escola é muito distante da nossa casa, por que minha mãe decidiu que

estudáriamos perto do local onde ela trabalhava como doméstica. Apesar da longa distância, que nos faz andar muito, em torno de uma hora e meia para chegar, o que parece uma eterna jornada aos meus passos pequenos, estou empolgada, achando o máximo. Imagino muitas coisas, um mundo de expectativas criadas na minha imaginação infantil. Chegamos na escola

e caminhamos logo para a fila e, depois, cada um vai para sua sala de aulas.

Ainda que convivam com todo tipo de necessidades, as crianças são, por natureza, esperançosas, empolgadas. Assim, é plenamente justificável minha empolgação ante a realidade ainda desconhecida. Acreditava, na minha inocência de criança, que a escola me receberia de braços abertos e me mostraria um mundo novo, sequer sonhado. De acordo com a pedagogia freireana "a alegria e a esperança fazem parte da natureza humana" e isso acontece "exatamente por ser o homem um ser inacabado em constante construção como indivíduo e como história com os outros e com o mundo, história como possibilidade" (REDIN, 2017, p.29). Com esses sentimentos fui, naqueles primeiros dias, para a escola.

Meados de março de 1988... A realidade começa a se revelar.

Já se passaram alguns dias do início das aulas... minha empolgação inicial também já passou. Nada tem sido fascinante como pensei que seria; o entusiasmo por estar estudando na escola dos "grandes" acabou. Não compreendo nada do conteúdo, não tenho amigos, não me

sinto bem neste lugar. Choro muito, estou muito infeliz, me sinto um peixinho fora d'água. No recreio, me escondo atrás da escola para chorar; vou à escola por obrigação, detesto esse lugar.

Chamando atenção para a desumanização e violência, próprias das sociedades de classe, Freire refere que "se a marginalidade não é uma opção, o homem marginalizado tem sido excluído do sistema social e é mantido fora dele, quer dizer, é um objeto de violência" (FREIRE, 1979, p. 38). A marginalidade (viver à margem da sociedade), com tudo o que ela implica (fome, doenças, morte, dor, promiscuidade, crimes, desesperação, impossibilidade de ser), não é uma opção, é uma imposição.

Hoje compreendo melhor a situação de marginalidade em que vivíamos e o desajuste que senti, fruto dessa situação, especialmente ao encontrar, em Bourdieu (apud NOGUEIRA, 2002), explicações que me ajudam a entender o porquê de tanto desajuste. Este autor problematiza que as desigualdades escolares precisam ser analisadas para além de uma perspectiva individual de cada sujeito. Para ele, os alunos não são indivíduos abstratos, que competem em condições

relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. (NOGUEIRA apud BOURDIEU, 2002, pg.18).

De acordo com Nogueira, a rentabilidade no processo escolar não ocorre pelo grau de esforço construído no percurso escolar ou por dons pessoais, de ordem biológica e/ou psicológica, e sim pela origem social do grupo pertencente, a qual possibilita ao indivíduo possuir melhor desempenho diante das exigências escolares. A formação inicial ainda no ambiente familiar e social próximo corresponderiam à posição na estrutura da sociedade constituída e que seria incorporada pelos indivíduos, passando a conduzi-los no tempo e no espaço.

As normas e constrangimentos que caracterizam uma determinada posição na estrutura social não operariam, assim, como entidades reificadas que agem diretamente, a cada momento, de fora para dentro, sobre o comportamento individual. Ao contrário, a estrutura social se perpetuaria porque os próprios indivíduos tenderiam a atualizá-la ao agir de acordo com o conjunto de disposições típico da posição estrutural na

qual eles foram socializados. (NOGUEIRA, 2002, pg.20).

De fato, as condições de desigualdade em que vivíamos eram naturalmente vividas pela minha mãe e pelos meus familiares, não restando, a nenhum de nós, alternativa ou direito de negar a condição que nos era imputada. A essa condição de vida, Freire chama de domesticação, ou seja, "um processo através do qual se cria uma consciência passiva de submissão tanto a pessoas como a um sistema, seja social, econômico ou educacional" (ROSSATO. 2017, p.129). É uma aceitação sem questionamento da própria vida e da própria realidade "eu nasci assim, eu vivi assim e sou mesmo assim", como diz a letra da música Gabriela³. Essa domesticação, ainda segundo Rossato, "implica uma sujeição a uma determinada ordem social estabelecida, tornando-a como definitiva e permanente, portanto, imutável".

Lembro que apesar de todo desconforto com a escola, não reclamava, pois, tinha que aceitar a decisão

³ Música de Gal Costa, cujo refrão diz: "Eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim, vou ser sempre assim".

da minha mãe, sem penalizá-la, ainda mais, com “coisas de criança”.

Lembro que minha mãe não tinha condições de comprar o material escolar básico, então utilizávamos o que a escola oferecia. Recordo-me que minha mochila que era a embalagem de arroz, “saco plástico”. Minha mãe lavava a embalagem após acabar o produto e arrumava nosso material escolar ali, eu e meus irmãos possuíamos uma mochila assim, e isso era motivo de gozações.

Na escola contava os minutos para ir embora, sentava-me perto da janela, assim podia visualizar o pátio, a rua, que me pareciam bem mais interessantes que o conteúdo da aula.

Estas memórias me remetem às considerações de Ausubel, Novak e Hanesian (1980), quando indicam que os significados acerca dos conteúdos escolares são construídos a partir das relações substantivas entre o que os estudantes são desafiados a aprender e o que já conhecem. Por isso, a maior ou menor riqueza na produção desses significados dependerá das relações que o aluno for capaz de estabelecer.

Lembro-me da dificuldade que tinha em estabelecer relações entre o que era trabalhado em sala de aula e o que tinha como experiência concreta no meu dia a dia. Assim, minha grande expectativa era com o momento da saída. Concordo com Nascimento⁴ quando enfatiza a importância da infância ser considerada, não somente na forma como ela é vivida/percebida nos cotidianos das instituições, mas especialmente nos outros espaços sociais em que as crianças estão inseridas, exigindo o questionamento: em que atividades estão envolvidas quando não estão na escola?

Segundo Freire, são indissociáveis para a compreensão, as relações homem-mundo, os conhecimentos teóricos das práticas e do cotidiano. Não se pode pensar aprendizagem dissociada da realidade do educando; por isso a importância, em sua metodologia, dos temas geradores. "É importante reenfatar que o 'tema gerador' não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos

⁴ Acesso em [http://www.construirnoticias.com.br/a-infancia-na-escola-e-na-vida-uma-relacao-fundamental/A Infância na Escola e na Vida: Uma Relação Fundamental](http://www.construirnoticias.com.br/a-infancia-na-escola-e-na-vida-uma-relacao-fundamental/A%20Inf%C3%A2ncia%20na%20Escola%20e%20na%20Vida%20Uma%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20Fundamental).

homens" (PASSOS. 2017, p. 389).

Penso que se isso tivesse sido em alguma medida contemplado naquele momento, meu processo de inserção na escola teria sido diferente. Um ato simples como o diálogo na hora da roda de conversa talvez tivesse feito a diferença. Como isso não acontecia, minha alternativa era torcer pelo momento da saída.

O som que eu mais gosto: o badalar da sineta convidando para ir embora...

Finalmente, o momento mais esperado, ouço tocar o sinal avisando que terminou a aula. Sinto meus olhos cheios de alegria e saio para encontrar meus irmãos. Eles estão me esperando do lado de fora, nos juntamos e vamos embora. Vamos sozinhos, pois nossa mãe precisa ficar no trabalho até mais tarde; passamos por lá, todos juntos, e avisamos que já estamos indo para casa; depois de ganhar um beijo, seguimos em frente. Nosso caminho de volta é cheio de aventuras, pulamos, apertamos a campainha das casas e corremos, rindo muito. O único lugar de que não gosto e tenho mesmo muito medo é uma ponte de madeira que precisamos passar. Meus irmãos adoram esse lugar e aprontam "poucas e boas" por ali.

Naqueles caminhos vivíamos as nossas aventuras, esquecendo das duras condições de vida que tínhamos, dando corpo às palavras de Kramer (2007, p.16) quando diz “As *crianças* “fazem história a partir dos restos da história (...) Elas reconstroem das ruínas; refazem dos pedaços”.

E lá íamos nós, refazendo os pedaços de nossas histórias, *desvelando o real, subvertendo a aparente ordem natural das coisas*. Como bem diz Kramer (2007, p.17) *as crianças falam não só do seu mundo e de sua ótica de crianças, mas também do mundo adulto, da sociedade contemporânea*.

Vivíamos as condições de uma sociedade que nos colocava à margem das possibilidades de viver plenamente a singularidade da infância, uma vez que desde cedo precisamos assumir tarefas do mundo adulto. De acordo com Kramer, as crianças expressam, em suas brincadeiras, o grupo do qual fazem parte como sujeitos sociais, nascidos no interior de uma classe, de uma etnia, de um grupo social; diferentemente dos filhotes de animais:

Os costumes, valores, hábitos, as práticas sociais, as experiências interferem em suas ações e nos significados que atribuem às pessoas, às coisas e às relações. No entanto, apesar do seu direito de brincar, para muitas o trabalho é imposto como meio de sobrevivência (2007, p.17).

Essa era a nossa condição. Lembro que quando chegávamos em casa procurávamos algo para comer, uma de minhas irmãs mais velhas, a Ana, era responsável por aquecer a comida se tivesse, caso contrário, tomávamos café, chá ou água doce. Eu geralmente ia para a casa dos vizinhos e perguntava se queriam que fizesse uma limpeza, ou cuidasse das crianças deles. Na nossa rua tinha uma vizinha, a Rosane, conhecida como “Mosa”. Ela tinha dois filhos pequenos e eu adorava ir para sua casa. Lá, brincava com os meninos, ajudava nas atividades de casa, e assim ela me retribuía com alimentação. Lembro que voltava para casa quando o sol estava se pondo. Em casa, tomava banho e jantava, se houvesse alimentos, caso contrário, ia dormir para, no próximo dia, seguir a mesma rotina. E assim se deu até a metade do ano letivo de 1988.

E então, nessa época, não me lembro exatamente

o dia, minha mãe me falou que iria ver uma escola perto de casa. Inicialmente não entendi, mas concordei; no mesmo momento, um misto de alegria e emoção tomou conta do meu coração. Depois de alguns dias, a troca se concretizou.

Metade do ano de 1988. Uma nova escola, uma nova oportunidade...

Minha nova escola é pequena, mas é muito linda e a professora é um amor de pessoa, querida e dedicada. Como já sei o conteúdo, me consideram uma das melhores alunas da classe, meus trabalhos estão sempre no mural da escola, meus colegas se parecem muito comigo no jeito de ser, de pensar, de vestir, de falar, de brincar, de tratar. Possuo muitos amigos e as brincadeiras aqui, são as melhores.

Quando nos sentimos acolhidos no local em que estamos, nossa emoção faz com que os dias, meses, passem sem que possamos perceber. O resultado se mostra na evolução do rendimento escolar. Como Freire, não entendemos a educação, “enquanto prática estritamente humana, como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista” (FREIRE, 2015, p.142). Assim, a

acolhida amorosa poderá contribuir para que os estudantes que chegam logo se sintam acolhidos e pertencentes ao ambiente.

Março de 1989. Um novo ano, outro (re)começo...

Preciso trocar de escola novamente, pois a antiga vai fechar "por questões de burocráticas"; não sei o que é, mas foi o que a mãe falou. Minha nova escola é em outro bairro, que também é perto da minha casa. O nome da escola é Escola Municipal São João Batista e estou no segundo ano do Ensino Fundamental.

As aulas começaram e conheci a professora Carmem Blanco. Ela me encantou muito pela maneira de trabalhar com as crianças. Eu aprendo muito e participo de todos os eventos da escola. Adoro o concurso de pintura e desenho e minhas notas são boas. Hoje a professora chamou minha mãe para elogiar meu rendimento escolar. Estou orgulhosa, pois não tenho nada para oferecer para minha mãe a não ser o fato de não lhe dar trabalho, como meu irmão faz.

Meu irmão estuda na mesma na mesma turma, mas ele sempre foge da aula para andar de bicicleta. A professora me pediu para avisar nossa mãe que ele não vem à aula há dias. Ele é mais velho que eu e a mãe manda a gente vir juntos. Ela pensa que ele vem na aula, mas ele só vem até perto da escola e não entra, depois volta na hora de ir embora, para me buscar.

Neste mesmo ano, eu e meus irmãos fomos matriculados na antiga escola de turno inverso (CEBEM), localizada na Avenida Borges de Medeiros nº 1122. A escola oferecia alimentação, apoio pedagógico, higiene, atividades de recreação, que parecia ser o foco dessa instituição, assim não precisaria mais ir para a casa dos vizinhos para me alimentar. Nesta escola conheci a pessoa mais especial, que foi/é minha referência do que é ser professor.



Figura 5. Prof.ª Solange Ferraz

A professora Solange Ferraz⁵ era/é uma excelente educadora; fazia/faz um belo trabalho e proporcionava/proporciona aulas maravilhosas, embasadas pelo carinho e pelo afeto aos seus alunos. Uma situação que me ocorreu, naquela época, retrata isso. Lembro que estava na janela da escola tentando ver o que ocorria no lado de fora, quando escorreguei e cortei

⁵ A professora Solange Ferraz continua em atividade em escola, atuando como diretora de Educação Infantil.

meu queixo. A professora Solange, então, carregou-me no colo e foi ao posto de saúde comigo. Minha mãe foi chamada, mas demorou a chegar; enquanto isso, a professora ficou o tempo todo comigo em seu colo. Lembro-me claramente de chorar, com medo de tudo que estava acontecendo, e ela tentando me



Figura 6. Amparo

acalmar, dizendo que tudo iria ficar bem, me amparou e me deu atenção. Esse foi um evento muito marcante na minha trajetória, pois estava, justamente, precisando de alguém que me olhasse e me amparasse naquele exato momento. Isso me remete a pensar na importância dos professores na vida das crianças e em como eles se constituem em referências para elas.

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo. (FREIRE, 1996, p.47)

A professora Solange sempre chamou nossa atenção quando necessário, nos guiou e orientou, mas, acima de tudo, com grande amorosidade. Era uma educadora disponível para com seus educandos, sabíamos que podíamos contar com ela. Na Pedagogia da Autonomia, Freire nos fala dessa atitude “correta de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e a ser tocado, a perguntar e a responder, a concordar e a discordar” e chama essa atitude de “disponibilidade à vida e a seus contratempos”, e segue dizendo.

Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa (FREIRE, 2015, p.131).

Essa disponibilidade de alguns educadores para com seus educandos tem a ver com a amorosidade, conceito chave em Freire e que “percorre toda sua obra e sua vida se materializa no afeto como compromisso com o outro” (FERNANDES, 2017, p. 37). Fernandes, no Dicionário Paulo Freire, ainda nos chama a atenção para

o prefixo *com*, o mesmo que usei para me referir à professora Solange, quando disse que era ela uma educadora disponível para *com* seus educandos. O uso desse prefixo confere força à ideia de comprometer-se consigo e com o outro na decisão de ser educador. O "sentir amorosidade/amor como uma potencialidade e uma capacidade humana que remete a uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo e com o mundo" é a concretude do trabalho de Freire; somente possível através das mãos de educadores como a professora Solange e tantos outros educadores que, com ela, partilhem esse tipo de amorosidade "que proporcione dignidade coletiva e *utópicas*" *esperanças* em que a vida é referência para viver com justiça neste mundo" (idem, p.37, grifo do autor).

Meados de 1990. Mais um (re)começo...

Já estou com nove anos e curso o terceiro ano do ensino fundamental. Adoro meu colégio, mas a mãe disse que preciso trocar de escola



Figura 7. Escola Bandeira Medina.

outra vez porque meu irmão decidiu abandonar os estudos. Preciso estudar numa escola mais perto de casa e vou para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bandeira Medina, localizada na região norte da cidade de Santa Maria.

Esta também foi uma boa escola para mim. Eu apresentava um bom rendimento escolar, conheci muitas pessoas amigas, e me sentia uma criança realizada. Porém, nossa família passava por muitas necessidades. Eu e meus irmãos já não estávamos no turno inverso, que era onde realizávamos as refeições diárias. A escola de ensino fundamental, a qual eu estava frequentando naquele ano, ficava longe da escola de turno inverso. Quando chegávamos em casa quase sempre não havia o que comer, ficávamos com fome, e a única alternativa era tomar água doce.

Opressores e Oprimidos. Sem opção, a decisão.

Outro dia igual a tantos, dia de fome...

Não aguento mais viver assim, tenho fome e acabo chorando. chorando. Ontem a noite, não havia nada para comer. Tomei um copo de água e fui me deitar para tentar esquecer a fome, mas minha barriga doía

muito e não controlei o choro. Tapei minha cabeça para a mãe não ouvir que eu estava chorando, mas minha barriga doía muito e o choro aumentou sem que eu pudesse evitar. Minha mãe ouviu e perguntou o que eu tinha, disse que não era nada, para não a preocupar, mas continuei chorando. Ela perguntou de novo o motivo daquela lamentação. Novamente disse que não era nada e então ela se irritou, levantou e me bateu, dizendo: "Se você está chorando sem motivo, vou te dar motivos para chorar de verdade". Ontem chorei de fome e apanhei calada, jamais vou dizer a minha mãe que estava chorando de fome, não posso magoá-la ainda mais.

Depois desse dia, sem opção, tomei uma decisão, decidi que queria trabalhar, não suportava mais tanta necessidade. Em nossa casa não existia o básico e eu



Figura 8. Trabalho Infantil.

queria ajudar de algum modo. Foi então que abandonei os estudos, no 3º ano do ensino fundamental, e fui trabalhar de doméstica na casa onde minha mãe trabalhava. O salário que recebia ficava com a mãe.

Eu tinha nove anos de idade e, nessa casa, cuidava de uma menina de um ano. Trabalhava todos os

dias, sem folgas. Essa experiência foi essencial para minha formação e para ajudar minha família; pois, neste local, aprendi a falar corretamente, hábitos de higiene, regras básicas de convivência social, conheci um supermercado, energia elétrica, livros, televisão, telefone, viajei, me apropriei de todas as oportunidades que se apresentaram.

Mas, foi nessa experiência também que aprendi o que é distinção entre classes, onde é o lugar da empregada, quem é o detentor da verdade em um país capitalista, no qual quem tem maior poder aquisitivo manda e os subordinados obedecem, e no qual os seres humanos são descartáveis. Aprendi que se você colocar seu ponto de vista você está sujeito a ser excluído. Não sabia das teorias sobre opressores e oprimidos, vivia a situação. Hoje, distanciando-me daquela realidade, percebo claramente que vivi o que Freire descreve em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, quando refere que a pedagogia do oprimido terá dois momentos distintos; o primeiro "em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação", e o segundo, "transformada a

realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação" (FREIRE, 2016, p.57). Mesmo tendo me dado conta somente bem mais tarde, compreendo que os aprendizados daqueles dias forjaram minha personalidade.

Minha mãe trabalhava nesta casa há uns seis anos, sem carteira assinada, sua empregadora tinha adotado uma criança recém-nascida naquele ano, que possuía a mesma idade de minha irmã mais nova, então, minha mãe sempre recebia doações dessa menina. Isso era compreendido pelo empregador como uma dose extra de generosidade e novamente me reporto a Freire, com sua Pedagogia do Oprimido, e vejo a verdade da afirmação "quem inaugura a força não são os que se tornaram fracos sob a robustez dos fortes, mas os fortes que os debilitaram" (idem, p. 59). Essa "generosidade hipócrita" de alguns empregadores sempre existiu; para esse tipo de empregador "são sempre os oprimidos que desamam" (idem).

Um certo domingo. Acusada injustamente...

Neste domingo, aconteceu algo bastante ruim. Eu estava lavando a louça do café e a dona da casa em que eu trabalhava queria que eu soubesse onde estava um sapato de sua filha, que ela queria colocar na menina. Comentei que talvez pudesse ter doado para minha irmã, já que não achava. Neste momento, quando eu estava de costas para ela, fui agredida com um pano que estava sobre a mesa. Me chamou de ladrona. Sai correndo para o quarto chorando, coloquei todas as minhas coisas em algumas sacolas e disse que queria ir embora dali. A filha mais velha da minha patroa me levou e volta para a casa de minha mãe.

Voltando a casa de minha mãe, tinha dois dilemas, voltar a trabalhar para ajudar em casa ou estudar? Pedi para voltar a estudar, porém só consegui no ano seguinte. Assim entrei novamente na mesma escola. Como as condições continuavam precárias na minha casa, na hora da saída da escola ia para a casa de uma amiga oferecer meus trabalhos domésticos em troca de alimentação. Com o passar do tempo, comecei a morar na casa dela, sua família⁶ me acolheu. Seus pais, dona Alda e Seu Zé,

⁶ Imagens: Família Arruda, festa de aniversário da caçula Teresinha eu estava com 9 anos de idade, e com o primeiro presente recebido da minha mãe, um conjunto verde, ao lado a Elizandra a mais velha da família, 1990.

me tratavam com muito carinho.

Nesta família aprendi princípios e valores que fortaleceram minhas concepções éticas e morais. Orientavam-nos sobre a realidade que existia no mundo, ressaltando a necessidade do estudo. Lembro-me da cobrança que seu Zé e dona Alda faziam para que seus seis filhos finalizassem a educação básica. Lembro-me que, para mim, aquilo parecia irrelevante.



Figura 9. Aniversário casa seu Zé e dona Alda.

Nesse tempo, pude ser como outra menina qualquer de nove anos. Eu e minhas amigas, Carmem, Ana, Elizandra e Marília, nos divertíamos no tempo disponível entre a escola e os afazeres domésticos. Essa circunstância tornava a vida muito boa. Eu amava estar na casa da minha amiga, me sentia como parte integrante daquela família. Seu Zé sempre falava "eu acho que já é nossa filha, só faltam os papeis"; referindo-se à certidão de nascimento. Eu enchia os olhos e o coração de alegria,

mas, ao mesmo tempo, pensava na minha família biológica e nas dificuldades enfrentadas por todos.

Na escola, não estava tão entusiasmada. Meus rendimentos não eram como antes e o fracasso escolar mostrou-se evidente. Minha preocupação em arrumar um trabalho para poder ajudar novamente os meus pais continuava, e isso me afastou dos estudos. Voltei a prestar serviços na comunidade como babá. A escola não me permitia vislumbrar o rendimento financeiro que necessitava naquele momento e as necessidades falavam mais alto. Novamente abandonei os estudos. Daí para frente foi uma sucessão de desistências.

O relatório “Cenário da exclusão escolar no Brasil”, divulgado em 2017 pelo Fundo das Nações Unidas pela Infância e Adolescência (Unicef), revela que existem hoje no País 2,8 milhões de crianças e adolescentes fora da escola.

De acordo com os dados, a maioria dos estudantes abandona a escola antes mesmo de completar o Ensino Fundamental. Dos que ingressam no Ensino Médio, um percentual relevante não consegue avançar e acaba desistindo. O Censo Escolar 2015 aponta que de cada

100 alunos dessa etapa, 12 são reprovados e oito abandonam a escola.

Os números são alarmantes. As causas dos problemas podem ser inúmeras e depender de múltiplas variáveis. E embora existam iniciativas, tanto governamentais quanto civis, no intuito de reduzir esses indicadores, ainda estamos longe de ter uma solução.

O conceito de reprodução de Bourdieu. Nasce uma menina-mãe.

Decurso do ano de 1993. De menina a mulher...

Estou com doze anos e novamente tentando concluir o terceiro ano do ensino fundamental, mas não vejo possibilidades de conseguir. E então algo novo acontece comigo; conheço um rapaz, o Pedro⁷, ele tem 19 anos e está me paquerando; me dá presentes, coisas para comer e uma atenção que eu ainda não conhecia. Pedro diz que não é importante estudar e não quer que eu continue. Acho que vou abandonar de vez os estudos. Minha mãe disse para eu⁸ fazer o que eu quiser!

Como poderia escolher o melhor a fazer naquele

⁷ Usarei nomes fictícios para preservar a identidade de alguns dos envolvidos.

⁸ Eu aos doze anos, fotografia em uma das últimas comemorações, antes de casar, na família Arruda, festa no final do ano 1993.

momento? Quais opções se apresentavam para mim?

O que pode uma menina de 12 anos, privada de suas condições básicas de sobrevivência, escolher? Tomada pela emoção e pela impulsividade, escolhi ficar com esse rapaz, tendo em vista que supria as necessidades básicas que meus pais não podiam suprir.



Figura 10. Comemoração de Final de Ano (1993).

Logo me vem à cabeça o conceito de reprodução de Bourdieu, especialmente quando percebo que isso ainda é um fato recorrente na minha e em muitas outras famílias. Tenho sobrinhas que têm vivido novamente “esta escolha”. As condições materiais de sobrevivência parecem se sobrepôr a outros caminhos possíveis.

Essa situação de condicionamento das pessoas pelo contexto histórico sócio cultural no qual estão inseridos é reconhecida na obra de Freire; no entanto, o educador reconhece que, para modificar essa situação, é necessário “ter consciência de seus condicionamentos”, o

que, para meninos e meninas em situação de extrema necessidade, é algo praticamente impossível. Somente bem mais tarde, a vida se encarregará de concretizar essa consciência. Alguns, nunca a adquirem. Situações-limite podem desencadear essa conscientização.

O ser condicionado na natureza humana expressa a historicidade da existência concreta das pessoas em sua vida, sempre situadas no tempo e no espaço com todas as variações socioculturais que essa situação concretiza. Mas, a partir dos condicionantes históricos das transposições desses pela práxis transformadora, os seres humanos vão constituindo-se como seres abertos, dialéticos e fazedores de si mesmo (Zitkoski, 2017, p.80).

Superar essas situações-limite, no entanto, exige a conscientização da situação de condicionamento em que se vive, e essa só advém com a maturidade. Muito dificilmente será uma possibilidade para uma criança de 12 anos. Outras situações-limites ainda estariam por vir na minha vida. Situações a que Josso vai chamar de momento-charneira, e sobre as quais falarei no momento em que as situações forem relatadas.

Ainda 1993, o início do namoro...

Começamos a namorar em casa. Meu pai, seu Jorge, muito tranquilo, não opina muito sobre as decisões da mãe; quanto a meu namoro, manifestou seu descontentamento. Ele disse que sou muito nova para começar a namorar. Como a palavra final é da minha mãe e ela deixa, ele ficou quieto e não vai mais falar sobre isso.

Entendo que aquela era a condição possível de minha mãe, que acreditava que ali residia uma alternativa de uma nova vida, de uma oportunidade de sair da situação de dificuldade que enfrentávamos diariamente. Ela também era condicionada pela situação de vulnerabilidade na qual sempre se encontrou. Imersa na preocupação de alimentar e encaminhar os filhos, optou pelo caminho que considerou melhor para mim. Então fui viver com o Pedro; inicialmente por necessidade, não sabia sequer ser criança, quanto mais alguma coisa sobre amor ou algo próximo disso. Ademais, ele ajudava meus pais e minha mãe dizia que ele era o rapaz certo para eu casar. Pedro era sete anos mais velho que eu e eu me envolvi, fiquei com ele, apesar de não me sentir totalmente feliz e ter a sensação de que algo dentro de

mim fazia falta.

Logo que minha mãe descobriu que estávamos mantendo relações, disse a ele que deveria casar. Assim eles decidiram e eu concordei.

Primavera de 1994. Nasce uma menina-mulher...

Tenho 13 anos e “casei”. Eu e Pedro decidimos “morar juntos”. Falei para ele que quero voltar a estudar, e ele disse que tudo bem, então me matriculei no antigo supletivo da Escola Estadual Dom Antônio Reis, no turno noturno, porque de dia preciso cuidar das coisas da casa.

Na escola, conheci vários colegas. Um colega pediu meu caderno emprestado e emprestei. Hoje me devolveu com um recado de agradecimento na capa. Pedro não gostou nem um pouco. Brigamos. Ele me proibiu de voltar à escola e eu aceitei, sem questionar. Parei de estudar porque é ele quem decide e se ele disse para eu não ir mais, não irei.



Figura 11. Submissão.

Assim, submissa, voltei-me para a construção da minha família e deixei de lado a ideia do estudo. Fui trabalhar

como doméstica e babá, repetindo a realidade da minha mãe para ajudar nas despesas da casa.

Essa minha condição de submissão revela-se atrelada ao que Saffioti menciona:

As mulheres lidam, via de regra, muito bem com micropoderes. Não detêm *savoir faire* no terreno dos macropoderes, em virtude de, historicamente, terem sido deles alijadas. Mais do que isto, não conhecem sua história e a história de suas lutas, acreditando-se incapazes de se mover no seio da macropolítica. (SAFFIOTI, 1999, p. 05).

Acreditando-me sem outra opção senão acatar o que ele havia decidido, sem ter como reagir contrariamente à vontade do meu esposo, o caminho da submissão foi o que eu pude trilhar. Com Freire, reconheço que "a humildade não pode exigir de mim" minha "submissão à arrogância, ao destempero de quem me desrespeita", mas que, ao mesmo tempo, a humildade me exige "quando não posso reagir à altura da afronta" que eu a enfrente com dignidade e deixe que a "dignidade do meu silêncio e do meu olhar" transmitam o meu "protesto possível" (FREIRE, 2015, p.119). Meu possível daquele momento foi viver, intensamente, a maternidade.

Julho de 1996. Na madrugada gelada, o calor da chegada do primeiro filho...Octávio

Senti uma dor chata hoje. Minha barriga já está bem grande. Pedi para minha prima ir comigo no médico. Ela tem umas voltas para dar antes. Vou com ela para depois ela ir comigo. Caminhamos o dia todo; minha barriga doendo. No fim da tarde, fomos ao médico e ele disse "tu já estás com três dedos de dilatação. Vai nascer hoje." Senti bastante dor daí para frente e, depois de umas dez horas, ouvi o choro do meu primogênito, um lindo menino, saudável, uma bênção.

Setembro de 1999. Prenúncio de primavera, a alegria pela chegada do segundo filho...Cristian

Hoje é um dia especial. Acordei disposta a fazer uma bela faxina na minha casa. Depois de tudo limpo, sentei para descansar; meu marido saiu com o meu filho para buscar um lanche. Quando chegou já era noite, bateu na porta e levantei para abrir para ele. Nesse momento, senti que estava molhada, era a bolsa que tinha estourado. Fomos para o hospital e, desta vez, não precisei esperar mais do que cinco horas para receber meu segundo filho nos braços. Outro menino, semblante tranquilo, doce, parece estar já de bem com a vida...

Maio de 2001. No final do outono, um feriado atípico... Bruno

Estou aproveitando o feriado em casa para ajeitar tudo. Mal

começo, uma dor se faz sentir. Peço para meu filho chamar meu marido. Logo ele volta dizendo que não achou. Chama então teu mano e pede para chamar a tia. Ela veio e ajeitou algumas coisas na sacola para eu ir para o hospital, apesar de não ser a época prevista para o nascimento. Logo Pedro chega em casa e, enquanto a tia leva os dois meninos para cuidar, saímos apressados. Vamos primeiro para o Casa de saúde; porém, meu parto será fora de época e os médicos mandam ir para o HUSM. Ainda bem que viemos rápido, porque meu terceiro filho está com muita pressa de chegar.. nem pela sala de parto espera, a maca é seu primeiro berço. Uma criança tranquila, já com bastante cabelo, diferente dos outros, que nasceram carecas. Terá de ir comigo para o trabalho, pois não tenho com quem ou onde deixá-lo...

Fevereiro de 2005. O calor do verão trazendo outra vida...Caio

Já se passaram 42 semanas do início da minha gestação e nada do meu filho nascer. Tenho muita dor, minha barriga está enorme. O que meu terceiro filho teve de apressado, esse tem de acomodado, deve estar bom aí dentro. Pedi para meu marido me levar para o hospital. O médico quer que eu vá embora, porque não tenho dilatação. Meu marido tranca o pé e sou internada. Passa o primeiro dia, e nada, vem o segundo dia, e nada... mulheres chegam, ganham seus filhos e vão embora; e eu ali, tomando soro para dar dilatação. O médico deu um horário limite para me levar para cesária. Acho que o menino, danado, ouviu, porque começo imediatamente

a sentir muitas dores... quinze minutos mais e estou com meu menino no colo.

Como mãe, eu estava totalmente realizada, meus meninos eram e são excelentes crianças, vivia para eles e para o trabalho, sempre na mesma perspectiva de vida, como se não houvesse nada que pudesse mudar essa configuração da realidade instalada.

As responsabilidades da vida adulta.

Enfrentei várias dificuldades na criação dos meus filhos, primeiro pelo fato de as crianças possuírem idades próximas, o que demandava muito esforço físico para dar conta dos afazeres básicos do cotidiano. Por exemplo, levá-los à escola era simplesmente uma missão quase impossível. Todos os dias, eu carregava todos eles em uma bicicleta, às vezes no colo, com um monte de mochilas. Lembro que demorava em torno de meia hora para fazer um trajeto que duraria cinco minutos a passos de adultos. Frio, chuva, verão, inverno, e eu sempre sozinha com meus pequenos.

Morávamos na periferia da região norte da cidade

de Santa Maria, e as crianças estudavam nas escolas da região. O mais velho estudava na Escola de Educação Infantil Ida Fiori Druck, localizada na vila Kennedy. Nesta escola, sua professora era Solange Ferraz, a minha professora de infância.

Meu primogênito Octávio, sempre foi muito arteiro e esperto, e, assim, me auxiliava em tudo.

Meu segundo filho⁹ Cristian era responsável, dedicado e comprometido. Desde logo, apresentou ter facilidade em relacionar-se com os demais; na escola, somente elogios, persegue, até hoje, com muito empenho, os objetivos traçados por ele.



Figura 12. Grávida do terceiro filho. 2001.

⁹O segundo filho (à esquerda) e o primogênito (à direita). Grávida do terceiro filho. (2001).

O terceiro menino ia comigo para o trabalho desde



Figura 13. Terceiro filho com 1 dia de vida (2001).

os primeiros dias de vida até os seis meses, quando então surgiu uma vaga na educação infantil. Era muito imaginativo, sempre fascinado por um mundo encantado, sua grande paixão relacionava às artes, tinha e ainda tem um grande

fascínio pelos desenhos e pelas construções próprias, é um querido.

O caçula Caio, é estudioso e comprometido. Possui um coração generoso em suas relações. O meu

pequeno grande menino. Nossa rotina era exaustiva, acordava bem cedo e arrumava todos. Dava mamá para os pequenos e café para os maiores, logo pegava a bicicleta, colocava dois na frente e um atrás e os levava



Figura 14. O caçula com 1 mês de vida (2005).

para a escola; depois, seguia para o trabalho, onde ficava até o final da tarde. Saía correndo, para não me atrasar para buscar os meninos, no entanto, muitas vezes não chegava a tempo e ouvia reclamações pelo atraso.

Meu primeiro filho logo entrou para o 1º ano do Ensino Fundamental; matriculei-o na Escola Estadual Dom Antônio Reis, mas a realidade da escola era totalmente diferente da escola na qual ele estava acostumado, na educação infantil, com professoras e colegas que vinham de longo período. Uma sucessão de problemas aconteceram nesta transição. Foi então que decidi que o colocaria em outra escola, perto do meu trabalho, onde estaríamos mais próximos; coloquei-o na Escola João Link Sobrinho, no Bairro Itararé. A mudança foi muito boa para ele. Era uma escola pequena e lá seu rendimento foi excelente, os colegas eram tranquilos e os professores atenciosos.

Novamente percebia minha história se repetindo, agora na pessoa do meu filho mais velho. Ele ficava no meu trabalho pela parte da manhã e de tarde ia à escola, enquanto seus irmãos estudavam em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI Borges de

Medeiros), no período integral.

Família Fagundes¹⁰



Figura 15. Meus filhos, meus príncipes (2005).

Em 2003, abriram-se vagas na escola Pão dos Pobres, localizada na Av. Borges de Medeiros, nº 638 e na Escolinha Padre Orlando, uma em frente à outra e ambas vinculadas à Ordem Guanellina, que recebia/recebe apoio financeiro da igreja católica e da comunidade. Eu queria muito colocar os meninos naquelas escolas, por serem de turno integral. Consegui vagas para todos; e as escolas, tanto a Pão dos Pobres quanto a Padre Orlando, cobravam apenas uma

¹⁰ Família constituída ao longo dos treze anos de casamento com meu marido Pedro, resultando quatro meninos. Ano 2005.

contribuição espontânea. Apesar de serem mais longe de casa, supriam as necessidades da minha família.

E continuariam suprindo, apesar de, em 2005, o município de Santa Maria ter assumido as escolas e mudado suas configurações. O Apoio Sócio Educativo em Meio Aberto (Asema) que antes atendia um número maior de alunos, devido à crise financeira que direcionou a Escola para a municipalização, também diminuiu significativamente o número de alunos. Somente permaneceriam os que estivessem em extrema necessidade ou que os pais não tivessem com quem deixar no turno inverso, caso no qual meus filhos se incluíam. Era uma conquista saber que, até o final do ensino fundamental, estava garantida a escola deles.

Meados de 2006. Sacrifícios meus de todos os dias...

Minha rotina é bastante cansativa, devo dizer que é exaustiva, preciso fazer tudo sozinha. O tempo para chegar em casa aumentou, porque a nova escola é mais longe. Quando chegamos, tenho muitas tarefas; o banho das crianças, as roupas para lavar, a comida para fazer, a casa para limpar... Meu marido chega cansado e vai descansar; quando acabo de fazer a janta, sirvo as crianças e ele. Como rápido e logo limpo

tudo novamente para irmos dormir; quer dizer, as crianças vão dormir, porque eu ainda preciso enfrentar mais um desafio. Para mim, nessa hora, inicia a "seção tortura".

Meu ex-marido foi criado nos moldes de uma educação tradicional, conservadora e preconceituosa, tendo por convicção que a mulher é objeto do homem. A partir dessa perspectiva, sempre acreditou deter total poder sobre mim (sua parceira). Assim, segundo ele, eu tinha a obrigação de servi-lo em suas necessidades básicas (necessidades de homem, como ele dizia). Por vezes, me submeti a situações de violência.

Sentia nojo, revolta, mas não questionava porque não sabia, não possuía informações sobre o assunto e também não tinha com quem falar sobre aquilo. Com minha mãe não era possível falar sobre esse assunto, pois abominava o tema do sexo. Nunca permitiu, nem nos deu liberdade para manifestar interesse no assunto. Acreditava que a vida era mesmo assim e que a mulher tinha que aceitar tudo calada, ainda que estivesse insatisfeita.



Figura 16. Desestruturação Familiar (2009).

Momento-charneira. Decisões de vida adulta.

Final de 2007. Meu mundo desabou: o momento-charneira...

Eu estava no meu trabalho, hoje, quando recebi uma ligação estranha, capaz de mudar o rumo da minha história. Uma voz de mulher me disse que vinha mantendo relações com meu marido e estava ligando para que eu o avisasse que o filho deles havia nascido. Meu mundo desabou naquele momento, fiquei zozza, sem saber o que pensar. Desliguei, estarecida, e, depois de um tempo, liguei para o Pedro e contei sobre a ligação recebida. Ele ficou nervoso, justificou dizendo que era um engano. Desliguei o telefone ainda zozza. Logo ele apareceu no meu trabalho, apavorado, tentando se justificar, disse que conversaríamos em casa. Assim fizemos, com ele tentando se justificar no início, e até propondo ficar com as duas, depois. Não aceito essa situação. Não consigo entender o que fiz de errado para ele ter feito isso.

No dia seguinte a esse fato, fui buscar informações para compreender aquela situação. Descobri que a relação do meu marido com a outra já se estendia há anos. Esse acontecimento foi, para mim, um divisor de águas, um momento-charneira, como define Josso,

A ampla delimitação de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida [...] começam [...] “a evidenciar aprendizagens; momentos-charneira e desafios que os atravessavam, valores ou valorizações que orientaram escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes” (JOSSO, 2010, p.91).

Nossas aprendizagens, nascidas das experiências concretas da vida, vão moldando a forma como pensamos, sentimos e agimos nas mais diversas situações, durante nossa busca por autonomia e emancipação. Momentos-charneira, como denomina Josso, são momentos decisivos que, por vezes, provocam grandes rupturas em nossa vida. São verdadeiros divisores de águas, que provocam transformações mais ou menos visíveis.

A situação relatada, foi o pontapé inicial para minha auto(trans)formação. Levou-me à compreensão de que o

homem com quem vivi por treze anos, que me ofereceu coisas que meus pais não puderam oferecer, a pessoa em quem confiei, a quem amei e dediquei grande parte da minha vida, o homem que me deu quatro lindos meninos, aos quais amo mais que tudo, era somente um estranho. Me senti cansada, decepcionada, magoada; mas, acima de tudo, sentia meu orgulho ferido, de forma que decidi colocar um ponto final nessa relação conturbada. Hoje, ao recordar, me permito reviver para me dar conta de que “As experiências de que falam as recordações-referências [...], contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida”. (JOSSO, 2010, p.40). Josso nos ressalta, ainda, que, em nosso processo de conhecimento, nossa atividade essencial “consiste na transformação de vivências em experiências, isto é, na elaboração de significações para ‘o que aconteceu’, a partir de interesses específicos e inscritos em uma temporalidade” (Idem, p. 266).

A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas. [...] Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos (FREIRE, 2015, p.105).

Início de 2008. Refletir, decidir, enfrentar...

Refleti muito e tomei a decisão de sair de casa com os meus quatro filhos. Ia morar de favor na casa de minha irmã, mas minha patroa, em um gesto de compaixão, alugou uma casa para eu morar. Agora preciso trabalhar doze horas por dia. Vivo das ações e doações da minha patroa, que muito me ajudam nesse momento. Estou incomodada. Parece que não há nada que eu possa fazer para mudar nossa situação, nossa vida. Mal recebo para pagar o aluguel. Não há nada em casa para mim e as crianças. Passamos necessidades. Meu ex-marido fala mal de mim para construir uma imagem negativa a meu respeito por causa da separação. Só consigo chorar. Não vejo perspectiva de um futuro melhor. Não me conformo com essa vida para mim e meus filhos.



Figura 17. Aniversário do segundo filho (2008).

Esse foi um período de grandes dificuldades; estávamos vivendo momentos muito conturbados. A Escola Pão dos Pobres foi imensamente importante para a educação e o cuidado com meus filhos. A assistente social, Juliana, do Asema, sempre ouvia meus relatos de angústias. Sempre deixei bem



Figura 18. Apoio.

claro á escola a situação em que estávamos, para que pudessem compreender e me auxiliar caso meus filhos apresentassem alguma alteração escolar. A escola esteve sempre me orientando e subsidiando meios para promover a educação e as vivencias de qualidade para meus filhos.

Com isso, no Asema, eles entraram em projetos de circo, percussão, artes, música e corporeidade. Vários professores foram responsáveis por apresentar novas perspectivas em meio ao turbilhão de emoções em que meus filhos estavam mergulhados. Essa circunstância foi extremamente importante; como mencionei, muitos anjos passaram pelas nossas vidas. No Asema, um anjo veio

em forma de professor; o professor Cristiano Reis, em especial, possibilitou que meus filhos mergulhassem no mundo mágico do circo. O projeto¹¹, no qual ele era o responsável, fazia muitas apresentações por toda cidade. Meus meninos adoravam se apresentar em espetáculos e eu ficava muito



feliz por saber que eles **Figura 19.** Circo Asema (2008). estavam se ocupando de forma lúdica, didática, e instigante nessa atividade.

Participava ativamente das atividades que a escola promovia. O tempo era pouco, mas era um tempo de qualidade, eu amava prestigiar o envolvimento deles em todos os momentos. A meus filhos estava sendo proporcionada a formação experiencial, a qual eu mesma não tive acesso, quando criança. Eu tinha plena consciência do benefício desse convívio na formação dos

¹¹ Projeto Circo Asema, registro da apresentação de final do ano na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pão dos Pobres Santo Antônio, Santa Maria-RS. Ano 2008.

meus meninos. Josso nos diz que “a formação é experiencial ou então não é formação, mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativa”. (JOSSO, 2010, p.48). Eu percebia as transformações nos meninos e refletia sobre que rumo dar para as nossas vidas.

Comecei a pensar que eu não gostaria de passar o resto da minha vida como empregada doméstica. Não que o trabalho de doméstica não seja digno, mas o fato de ser um trabalho pouco reconhecido e pouco valorizado, com jornadas exaustivas, não dispondo de tempo para os meus filhos, que ficavam, afinal, à mercê da própria sorte, não me agradava. Eu não recebia nenhum tipo de ajuda do pai das crianças. Ele dizia que, já que eu quis me separar “que arcasse com minhas escolhas”.

Minha vida parecia não ter mais sentido, eu pensava no suicídio, não aguentava mais aquela situação, chorava noite e dia, escondida das crianças, não conseguia ver uma solução plausível.

A luz no fim do túnel. O recomeço.

Foi, então, que uma solução apareceu diante dos meus olhos...

Metade de 2008. Uma luz no fundo do túnel...

Estou pensativa nos últimos dias. Preciso encontrar algo para mudar minha situação e das crianças. O que posso fazer para dar um futuro melhor para meus filhos? Que tipo de mãe quero ser? Que pessoa eu quero me tornar? Em que ser humano quero me transformar? Em alguém que reclama, que chora, que agoniza, ou em alguém que vai atrás dos sonhos?

Sinto-me fraca e impotente nesse mundo dominado por homens, mas preciso mudar minha situação, preciso dar um novo rumo para as nossas vidas. O que fazer? Voltar a estudar. Sim, é isso!

Com a cabeça fervendo de pensamentos, me dei conta do primeiro passo que seria necessário para a mudança que eu almejava: voltar a estudar. E então



Figura 20. A esperança.

pensei nos recursos com os quais poderia contar e me lembrei que no trabalho tinha um computador que eu poderia pedir para usar, diariamente, quando acabasse o serviço, até a hora de ir embora. Precisei deixar de lado a penúria que sentia de mim mesma e arregaçar as mangas para enfrentar a situação. encarar os problemas que,



Figura 21. Transformação (2015).

certamente, iriam surgir até obter o sucesso que almejava. Concordo com Saffioti (1999), as mulheres se abstraem do poder por acreditarem quem não possuem as capacidades necessárias, socialmente constituídas, para determinadas funções, deixando de acreditar no seu potencial. Entretanto.

[...] quando se apercebem de que há uma profunda inter-relação entre a micropolítica e a macropolítica, elas podem penetrar nesta última com grande grau de sucesso. Na verdade, trata-se de processos micro e processos macro atravessando a malha social. [...] evidentemente, há uma malha grossa e uma malha fina, uma sendo o avesso da outra e não níveis distintos. E as

mulheres sabem como tecer a malha social, operando em macro e em microprocessos. (p. 05).

Eu havia tecido a malha grossa, havia compreendido um caminho possível. Agora precisava tecer a malha fina, precisava descobrir por onde começar, como conseguiria concluir meus estudos. Neste período, estava tendo sérios problemas com o Conselho Tutelar. Estava sendo acusada de negligência por deixar as crianças sozinhas do momento da saída deles da escola até o meu próprio horário de sair do trabalho. Morávamos



Figura 22-Dificuldades.

a duas quadras da escola deles, de forma que iam para casa direto depois da aula. Devido às acusações, tivemos que alterar nossa rotina. Assim, as crianças, que ficavam das 7 horas e 40 minutos até as 17 horas e 30 minutos na escola, tinham que ir, ao saírem, até o meu trabalho, que ficava a três quilômetros da escola deles e da nossa casa. Eles realizavam esse percurso sozinhos, já que eu não tinha

como pagar um transporte. Meu coração ficava imensamente angustiado, os meus filhos saíam da escola deles e iam ao meu trabalho, lá eles jantavam e esperavam até o momento da minha saída, as vinte e uma horas, quando, então, caminhávamos todos juntos até nossa casa. a ação do Conselho tutelar, dessa forma, na nossa vida, foi uma dificuldade a mais a ser enfrentada. Todos os dias essa rotina se repetia; foi o período mais doloroso da minha vida, eu tinha a sensação de que éramos escravos daquela vida. Por diversas vezes pensei em desistir, mas uma força maior me mobilizava, e eu seguia, forte, mesmo diante de tantas frustrações, da impotência, e, principalmente, das necessidades. Entendia que meus filhos precisavam viver a infância do melhor modo possível; e que, para isso, eu não podia demonstrar tamanha decepção que sentia. Assim, prosseguia meu novo objetivo, recém-descoberto, a volta aos estudos.

Enceja-INEP 2008. O primeiro passo.

Precisava concluir o ensino fundamental, do qual estava afastada, há quatorze anos, e do qual havia me evadido ainda no terceiro ano.

Pesquisando sobre as possibilidades de formação, conheci o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é subsidiar a formulação de



Figura 23. Esforço.

políticas educacionais. Então, cheguei ao Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA). Assim, iniciei com a matrícula no Enceja-Inep 2008.

Verifiquei qual era o material de estudo necessário para fazer a prova de conclusão do ensino fundamental,

mandei imprimir todo o material didático e comecei uma rotina de trabalho/estudos. Eu trabalhava das nove da manhã às vinte e uma horas, depois, saía do trabalho com as crianças, caminhávamos cerca de três a quatro quilômetros, à noite, frio ou calor, até nossa casa. Os desafios eram diariamente penosos. Ao chegar em casa, as crianças tomavam banho e iam dormir, eu limpava a casa e, após, iniciava a jornada de estudos que correspondia em ler e compreender os polígrafos impressos e responder as questões apresentadas no final de cada capítulo. Essa jornada prosseguia, geralmente, até as duas horas da manhã, além dos finais de semanas, sagrados para os estudos.

Assim passaram-se alguns meses de muito estudo; porém, não houve tempo suficiente para conseguir estudar o último polígrafo, de matemática. Sequer consegui olhar para ele de forma sintetizada.

Dezembro de 2008 - prova Encceja-Inep...

Hoje foi o grande dia, o dia da prova para a qual venho me preparando há meses. Estava com muito medo dessa prova, e tinha muitas dúvidas se devia fazer todas as disciplinas ou somente aquelas que havia

conseguido estudar, porém, já que estava ali mesmo, decidi tentar fazer todas. Achei a prova bem fácil, adorei o tema da redação "cooperação no mercado de trabalho". Sobre isso sabia falar, ou melhor, sabia falar da falta de colaboração no local do trabalho e de como isso é prejudicial, porque acaba que tenho que fazer quase tudo sozinha no meu trabalho, já que minha colega é amiga da nossa patroa e se vale disso para não colaborar na execução nas atividades diárias, se prevalecendo de mim. Quase faltaram linhas para concluir meu pensamento. Como é bom escrever sobre o que conhecemos/vivenciamos.

O tempo, naquela sala de aula, voou. Quando me dei conta, a prova estava pronta. Sai com a sensação de dever cumprido, ansiosa pelos resultados, que acabaram demorando vários dias. No meu nervosismo, nem me lembrei de pegar o gabarito. Na verdade, nem sabia o que era um gabarito.

Tive, portanto, que aguardar o dia do tão esperado resultado. Quando esse dia chegou, solicitei o auxílio da filha da minha empregadora para entender o resultado, que saiu em forma de gráfico e eu não consegui entender. Minha nota estava na tabela com o gráfico mais pequeno.

No momento que visualizei o resultado, fiquei muito decepcionada, pois acreditava que tinha ido tão bem na

prova, e de repente fiquei com uma nota tão pequena, fiquei desolada, mas pensei, vou tentar novamente no ano que vem.

Porém, estava muito inquieta com aquele resultado, perguntei novamente para a filha da minha empregadora: você consegue me ajudar a entender o resultado da minha prova? Ela gentilmente respondeu:

claro que sim vou ver com mais atenção. Observamos os gráficos novamente e foi então que compreendi que minha nota tinha sido a máxima, ficando no gráfico correspondente às notas de (8 a10).

Fiquei imensamente feliz, pois sabia que todo o esforço que dediquei aos estudos,



Figura 24. Restruturação.

por longos meses, não tinha sido em vão. Vibrei de emoção e disse a mim mesma que jamais iria parar de estudar.

Neste momento, meu empregador, o saudoso seu

Moisés, disse-me palavras inesquecíveis. Assim ele falou: "Carla, eu não sou a melhor pessoa desse planeta, mas consigo visualizar quem vai longe, acredito que você é uma dessas pessoas. Nunca deixe ninguém dizer que não irá conseguir, acredite em si mesma". Lembro-me dessas palavras de motivação como se fosse hoje.

O seu Moisés sempre foi uma figura de referência e de respeito. Valorizava cada um de seus colaboradores, pelo empenho e pela dedicação apresentada, tanto na sua empresa quanto na sua casa. Assim, sempre me tratou, enquanto sua empregada doméstica, com muito valor. Acontece que essa condição de empregada doméstica não me satisfazia mais. Eu queria aprender mais e mais e sabia que possuía as condições para continuar estudando, só precisava pensar em estratégias para continuar.

Enquanto isso, na Universidade, dava-se início às ações afirmativas....



Figura 25. Expansão; Crescimento.

As discussões sobre adoção de cotas para acesso ao Ensino Superior iniciaram no ano de 2003. Foi no I Seminário Internacional Negritude na Escola que abriram questionamentos sobre o programa de cotas nas Universidades Federais, em especial na Universidade Federal de Santa Maria. Com isso, diante do amplo debate, em março de 2006, o Pró-Reitor de Graduação, Professor Dr. Jorge Luís Cunha, foi encarregado de concretizar uma proposta sobre o tema de acesso através de cotas. Logo o Programa passou a ser denominado "Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social" e foi definido o prazo de 10 anos para adoção de

cotas para afro-brasileiros, pessoas com necessidades especiais, alunos de escolas públicas e indígenas. O principal objetivo do programa foi uma série de medidas e a organização de uma proposta de democratização, acesso e permanência no ensino público e de qualidade.

As ações desenvolvidas pelo programa na Universidade Federal de Santa Maria, consideraram os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, previstos no art. 3º da Constituição Federal de 1988. Os princípios e as regras previstas na Constituição Federal sobre Educação, Cultura e Desporto e sobre as diretrizes para a formação de políticas e programas que contribuam positivamente para a erradicação das desigualdades sociais e étnico-raciais, com vistas a construir uma sociedade democrática e possibilitar o acesso ao Ensino Superior público no País.

Pesquisa apontada pelo Censo da Educação ao Ensino Superior, divulgada pelo Ministério da Educação (MEC, 2012), destacou o aumento de 4,4% de matrículas do ensino superior no período 2011–2012. Porém, cabe destacar as considerações do ministro da educação (na época da pesquisa), Aloizio Mercadante, “Não é tarefa

fácil assegurar qualidade da expansão de acordo com a demanda por vagas. Temos um compromisso no MEC de assegurar a qualidade do ensino superior”.

Apesar da crescente e expansiva promoção dos programas sociais, raciais, as pessoas de 25 anos ou mais de idade, 51% da população adulta, tinham concluído apenas o ensino fundamental. Além disso, menos de 15,3% dessa população, haviam concluído o ensino superior. O nível superior completo destacou-se entre as mulheres 16,9%. (IBGE 2018). Cabe salientar que as dificuldades sobre estudar, apontadas pelos membros da pesquisa, especialmente entre as mulheres, foram atribuídas, em 30,5% dos casos por conta de trabalho, 26,1% por causa de afazeres domésticos ou do cuidado de pessoas e 14,9% por não terem interesse.

Neste sentido, é possível perceber que as dificuldades encontradas no percurso de formação são inúmeras, diante das diferentes realidades que seus membros se encontram. Assim, quando o êxito na transformação social se destaca, vale repensar nossas ações, conforme enfatiza (Filho, 2013) [...] não se deve deixar que a dura realidade desarme toda a tentativa

transformadora, pois [...] “sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate.[...]” (FILHO APUD FREIRE, 2013, p.112).

O segundo passo. Rumo ao Ensino Médio.



Figura 26. Determinação.

Com o meu desempenho no Encceja decidi que não iria mais parar, e segui os estudos no ensino médio, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A EJA é uma Modalidade Educativa que visa ofertar o Ensino Fundamental e Médio para pessoas a partir dos 15 anos.

O artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) informa que o ensino fundamental deverá ter por objetivo a formação básica do cidadão, mediante o desenvolvimento de

algumas capacidades lá explicitadas. No artigo 37 desta lei, fica claro a quem se destina a Educação de Jovens e Adultos, ou seja, “àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Este artigo ainda assegura a essas pessoas oportunidades educacionais gratuitas nos sistemas de ensino, “consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho”.

A erradicação do analfabetismo e a universalização do atendimento escolar são diretrizes dos Planos Nacionais, Estaduais e Municipais de Educação. Todos os municípios têm sua própria lei, elaborada de acordo com o Plano Estadual e, ambas, elaboradas de acordo com o Plano Nacional de Educação.

Na Lei que institui o Plano Municipal de Educação de Santa Maria (Lei nº 6.001, de 18/08/2015), a EJA é contemplada na Meta 9 e nas estratégias 9.1; 9.2 e 9.3, que visam, respectivamente, assegurar a oferta gratuita da educação de jovens e adultos a todos os que não tiveram acesso à educação básica na “idade própria”,

verificar a demanda ativa por vaga na Educação de Jovens e Adultos, e implementar ações de alfabetização de jovens e adultos com garantia de continuidade da escolarização básica. Com a decisão de cursar a EJA (Ensino Médio) tomada, era hora concretizar esse objetivo. Antes disso, teria outro desafio a vencer.

Início de 2009. O novo desafio que a vida reservava para mim...

Minha patroa tem apoiado e até incentivado meus estudos a distância; mas, agora que concluí o ensino fundamental, falei para ela que desejo seguir adiante, no ensino médio, só que esse é presencial. Ela não viu com bons olhos a ideia de aulas presenciais, pois isso fará com que eu tenha que sair do trabalho mais cedo. Agora estou num dilema: preciso desse emprego para o sustento dos meus quatros filhos, mas tenho sede de conhecimento. Que fazer? Novamente terei de ouvir a voz da necessidade, ou seja, deixar os estudos de lado e focar no trabalho. Isso tem me perturbado muito.

Esse ano foi longo, estava trabalhando insatisfeita com a situação apresentada. Em acordo trabalhista tinha sido estipulado que poderíamos estudar, fazendo uma carga horária de oito horas diárias de trabalho. No entanto, no meu caso, isso não estava acontecendo.

Minha patroa só chegava em casa em torno de 21 horas. O combinado era que eu devia trabalhar até as 17 horas. Então, por isso, vários atritos começaram a acontecer.

Final de 2009. Uma decisão radical...

Eu e minha patroa discutimos feio ontem. Meu patrão me chamou no escritório dele para conversar; queria saber o motivo da minha discussão com a esposa dele. Conteí que tínhamos combinado algo que não estava sendo cumprido, e ainda falei que não me arrependia de nada do que havia dito. Ele disse que estava preocupado comigo, porque sabia que eu estava sozinha com minhas quatro crianças ainda pequenas. Senti que meus olhos se encheram de lágrimas, mas reuni o orgulho que tinha no coração e falei: "O senhor foi uma pessoa muito boa para meus filhos, me deu suporte quando mais precisei, alugou uma casa e mobiliou, sem nenhuma obrigação, alimentou meus pequenos por um bom tempo, sem nunca me descontar nada. Então, ao senhor, sou imensamente grata, mas já não dá mais para continuar trabalhando para sua esposa de forma escravizada".



Figura 27. Reconstrução.

Ele ouviu com atenção meu relato e falou: "Gosto muito do teu

trabalho, Carla, mas minha esposa não quer mais você trabalhando lá em casa. E agora? O que você vai fazer da tua vida?" Vi que ele estava preocupado comigo. Olhei bem no fundo dos seus olhos e disse: "Tenho dois braços e duas pernas bem saudáveis, além de uma saúde de ferro, não se preocupe, Deus vai abrir portas para o meu trabalho, só preciso que o senhor me ajude me dando uma carta de recomendação". Ele sorriu e disse: "Pode deixar". Assim, fui demitida.



Figura 28. Visita esperada: Vó Geneci (2012).

Uma nova época de dificuldades imensas estava começando. Mal tínhamos condições para nos manter, então, minha sogra¹² disse que poderíamos ficar morando em uma casa, de sua propriedade, que estava desocupada. Eu estava sem dinheiro. Fomos. Essa foi

¹² Dona Geneci (ao meio da foto) em visita a nossa casa, a (esq.) Cristian, e Caio a (dir.) Bruno, e acima Octavio. Ano 2012.

minha pior escolha. A casa que minha sogra ofereceu era ao lado da casa do meu ex-marido. Ali vivi um inferno.

Eu olhava pela janela, e um filme se passava na minha cabeça, a casa ao lado foi conquistada com o meu esforço, e agora estava com uma pessoa que nunca fez nada para conseguir. Isso me perturbava e a depressão foi inevitável. Com a ajuda do meu filho mais velho fui ao médico; comecei a tomar uma infinidade de remédios que, de certa forma, me ajudaram. No entanto, fiquei entorpecida pela medicação. Isso me incomodava muito e, pouco a pouco, fui abandonando os remédios. sabia que precisava ficar boa, que meus filhos precisavam de mim. Assim, fui saindo do poço sem fim que me via naquele momento. Pouco a pouco, fui me reerguendo. Conseguimos outra casa para morar, o que foi essencial para recuperar a tranquilidade e focar nos novos objetivos: a conclusão dos estudos no Ensino Médio.

Neste mesmo período, uma antiga empregadora me convidou para trabalhar em sua ferragem (na qual permaneceria trabalhando até a formatura no ensino médio). Fiquei imensamente feliz, pois sempre havia pensado que eu tinha cara de doméstica. Naquele

momento, fiquei realmente fascinada, pois poderia conciliar o trabalho com o estudo. Percebi que já não era mais a mesma pessoa, meus objetivos e minha determinação moviam os meus passos, e não seria qualquer imprevisto que me faria desistir novamente.

No ano de 2010 iniciei no 1º ano do Ensino Médio, na EJA da Escola Estadual Cícero Barreto. Nessa escola, desde o início, me senti acolhida pelos professores e pelos colegas, que compartilhavam comigo algumas dificuldades, como de deslocamento para chegar na escola, para dar conta das tarefas e dos trabalhos em grupo, entre outras dificuldades individuais de cada um. Me incomodava a cobrança de horário para chegar na escola; por vezes, me atrasava para sair do trabalho e não podia assistir as aulas, por que os portões fechavam as dezenove horas e dez minutos. Também era um agravante o fato de eu ser a única provedora da minha família e responsável direta pelo cuidado e pela alimentação dos meus filhos; bem como pelo cuidado com a casa. A escola oferecia refeição antes da aula, o que era de fundamental importância, visto que saíamos direto do trabalho para a escola. A dinâmica das aulas

valorizava o estudo em grupo, dialógico e participativo. Todos nos sentíamos ligados por um objetivo comum e procurávamos nos ajudar mutuamente. A existência da Política Pública de acesso à alfabetização, através da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, me possibilitou concluir o Ensino Fundamental e o Ensino Médio e isso foi fundamental para eu sonhar com a possibilidade de estar no Ensino Superior.



Figura 29. Dia das mães, alegria com a família (2011).

Tive o apoio dos meus filhos, que já estavam maiores e compreendiam melhor a necessidade da minha formação para posterior continuidade dos estudos e condição de ascensão profissional. Filho (2013, p.53) traz importantes considerações acerca da reflexão, contida no

caderno de apoio para as classes de EJA, criado pelo Ministério da Educação em 2006, intitulado “Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: Alunas e Alunos de EJA”. Ele relata saber as dificuldades na procura dos jovens e adultos pela escola e que essa decisão envolve outras pessoas e condições, além do próprio estudante, como a família, os padrões, bem como outros fatores, como:

[...] as condições de acesso e as distâncias entre casa e escola, as possibilidades de custear os estudos e, muitas vezes, trata-se de um processo contínuo de idas e vindas, de ingressos e desistências. Ir à escola, para um jovem ou adulto, é, antes de tudo, um desafio, um projeto de vida. (BRASIL, 2006, p. 8).

E as novas experiências, que me desafiaram a construir uma visão de mundo diferenciada, os valores, éticos, morais que possuía me direcionavam exatamente para o lugar social que pretendia ocupar. Conforme vivenciava percalços e dificuldades, as superações me forjavam em conjunto com os membros dos grupos sociais a que pertencia.

Março de 2010. Mundo novo, muito prazer...

Estou novamente na escola e estou muito feliz. Estou

aprendendo e, mais do que isso, estou construindo laços de amizade. Já conheço muitos colegas, amigos que vou carregar comigo por muitos anos. Pessoas assim como eu, que estavam em busca da construção dos seus aprendizados, da sua qualificação, ou somente da conclusão do ensino médio. Tenho aprendido conteúdos que nunca nem sequer tinha visto ou imaginado. Ainda sinto dificuldades em conciliar casa, filhos, trabalho e estudos, mas meu objetivo guia meus passos, eu estou bastante determinada. Com o apoio total dos meus pequenos, minhas forças se multiplicam. Sei que sou a única pessoa que pode mudar o meu futuro.

Aos poucos, os conteúdos começaram a ganhar sentido, os conhecimentos foram internalizados. Dedicava-me ao máximo na compreensão dos conteúdos, apresentava facilidade na área das humanas, enquanto as exatas não eram meu forte. Lembro, carinhosamente, de uma noite em que, na aula de Língua Portuguesa, a professora Carmem solicitou que escrevêssemos uma redação sobre nossa trajetória escolar. Guardo essa escrita até os dias atuais. Um trecho dela, escrita em 25/05/2010, diz:

[...] resolvi voltar a estudar depois de 16 anos afastada... lembro-me que disse a mim mesma que quando crescesse queria ser professora, e hoje estou aqui... em busca de meu sonho... De um dia ser chamada educadora [...].

Esta redação falou sobre os percalços da minha vida de maneira sucinta, terminando com o

meu principal objetivo, um sonho a ser realizado,

demonstrando a importância da [...] Educação Popular como instrumento de mudança cultural, social, política e emancipadora, tornando os sujeitos participantes ativos na alteração de suas histórias e do mundo [...] de modo a conquistar a humanidade que lhes foi historicamente negada [...] (FILHO, 2013, p.28). Este ano, além da

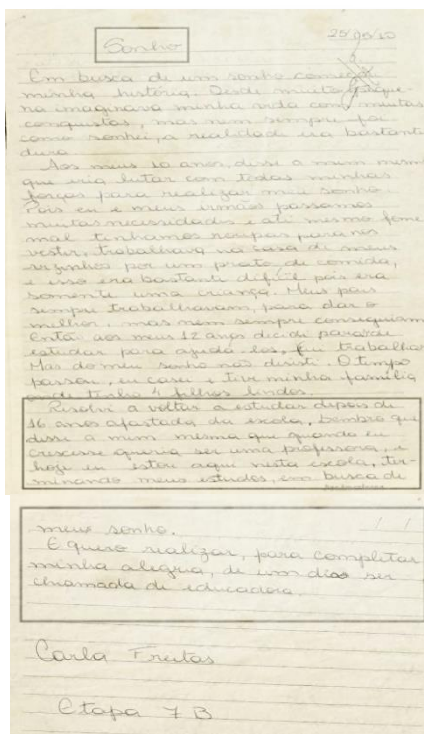


Figura 30. Redação (2010).

conquista pessoal escolar, foi um ano muito especial.

Metade do ano de 2010. Tempo de surpresa boa: uma oportunidade ao coração...

Conheci um jovem muito tímido. Ele pouco conversa com os colegas. Até achei ele um tanto grosseiro e comecei a implicar com ele, mas, aos poucos, fomos nos conhecendo melhor. Hoje, minha amiga comentou que "parecemos



Figura 31. Novos Olhares.

apaixonados"! Eu neguei, claro! "Meu coração não está preparado para isso", foi o que disse. Mas agora, pensando melhor, quem disse que é preciso de um preparo para gostar de alguém?

O Davi foi bem incisivo no seu objetivo, me conquistar; eu estava focada em outro objetivo, estudar. Pouco a pouco, e com bastantes investidas dele, fomos nos conhecendo, até que, certo dia, ele tomou coragem e pediu o número do meu telefone.

Ainda 2010. Tempo de surpresa boa: alguns dias depois...

Hoje o Davi¹³ pediu para me acompanhar até em casa. Fomos caminhando. Ele tomou coragem e pediu o número do meu telefone. Pensei em dar o número errado. Vi um filme e muitas dúvidas passando na minha cabeça. Será que ele vai só me usar? Será que ele enxerga direito? Lembro bem que o Pedro falou que jamais alguém iria me querer... E aquilo que vivi com Pedro, aquela vida de submissão, não quero mais para mim. Ninguém mais vai decidir por mim, nem dizer como devo agir, como devo me comportar, falar, pensar. Nunca mais!



Figura 32. Nova oportunidade

A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é o processo de vir a ser. Não ocorre em data marcada (FREIRE, 2015, p.105).

Neste momento percebi que já não era a mesma, eu estava transformada, estava adquirindo autonomia. Sabia realmente o que eu queria e o que não queria mais

¹³Registro de um dos nossos primeiro passeios, ao morro das Antenas, e o privilegio de ter a vista panorâmica da cidade de Santa Maria, ano 2011.

para minha vida. E casar não estava nos meus planos, então decidimos assumir um namoro, sem compromisso formal, cada um seguindo a sua vida, do seu jeito, sem cobranças ou prestações de contas.

Logo no início do namoro, me sentia constrangida



Figura 33. Coração aconchegado

de estar com ele junto com os colegas, já acostumados a nos ver como amigos. Assim, decidimos mudar de escola e fomos estudar no Colégio Estadual Manoel Ribas. A troca de escola permitiu vivenciar uma outra realidade escolar. A principal diferença para

esta escola é que, nessa, tínhamos mais autonomia de horários. Caso precisássemos nos atrasar ou sair mais cedo, era permitido, sendo nossa a responsabilidade de resgatar conteúdos que, acaso, perdêssemos. Éramos tratados como adultos, responsáveis por nossos atos. O

namoro¹⁴ foi importante por que nos tornamos companheiros de estudo, ele me auxiliando nas exatas, meu ponto fraco, e eu contribuindo com ele nas humanas. Os professores se interessavam pelas nossas dificuldades, pela nossa vida pessoal, e isso era um fator a mais de motivação, impedindo que pensássemos em desistir.

Eu e Davi namoramos por cerca de dois anos, cada qual vivendo na sua casa, depois, fomos viver juntos. Davi estava bem desanimado para concluir os estudos, mas fomos seguindo juntos, um dando forças para o outro para concluir o ensino na modalidade EJA. Neste tempo, ele trabalhava como frentista e, sem opção entre trabalhar ou estudar, porque precisava trabalhar e foi transferido para o turno noturno, afetando diretamente no horário de aula, deixou de estudar. Mas sempre me incentivou a continuar estudando, e com o seu apoio fui seguindo em frente. Davi veio como um presente de Deus, como suporte num momento em que não me

¹⁴ Davi foi realmente fundamental para minha vida pessoal, a educacional, sempre demonstrou muita satisfação em estar ao meu lado e isso me resgatava a autoestima como mulher.

percebia como mulher, e ele conseguiu resgatar a minha autoestima e meu amor próprio, me mostrando o quanto eu possuía valor. Ele trouxe o suporte emocional, físico e financeiro, extremamente essenciais, durante a minha (re)construção pessoal.

E assim, conforme estudava e buscava meus objetivos, aproveitava ao máximo as oportunidades de conhecimentos que apareciam, pois, para continuar melhorando profissionalmente, precisava melhorar minha qualificação através dos estudos. Com



isso, cada novo curso, palestra, formação pelo

Figura 34. Curso de Formação Portaria e Vigilância (2012).

Pronatec¹⁵, eu estava lá, com os cursos de auxiliar administrativo, padaria, portaria e vigilância, e assim continuei estudando. A conclusão do ensino médio pela EJA aconteceu no final do ano de 2011, com muito apoio

¹⁵ Registro da conclusão do curso de portaria e vigia oferecido pelo Pronatec através do Sest/ Senat Santa Maria- RS, no ano de 2012.

dos meus filhos, que, cada dia mais, demonstravam carinho, respeito e orgulho de sua mãe.



Figura 35. Aniversário de 13 anos do segundo filho (2012).

Os meus filhos continuavam estudando com muito empenho, concluindo o Ensino Fundamental e ingressando ao Ensino Médio, meninos elogiados pelos professores, considerados muito inteligentes, educados, e de boa índole. Na escola deles, somente elogios, as professoras sabiam da minha determinação e sempre que havia reuniões e entregas de boletins, eu mencionava o quanto era grata pela ajuda que os professores ofereciam aos meus filhos.

Esta escola representava muito na minha vida, sempre que algo estivesse errado ou que as professoras

e coordenação percebiam alguma alteração em comportamentos, ligavam direto para o meu celular. Sabendo da relação que eu tinha com a escola, meus filhos sabiam que eu estaria ciente de tudo que se passasse lá. Eu sentia, assim, como um elo de ligação aos meus filhos; mesmo distante deles durante o dia, saber que estavam bem acolhidos me inspirava a seguir em frente.

Um passo de cada vez. A hora de lutar pelo acesso ao Ensino Superior.

Com o Ensino Médio concluído, o que eu poderia



Figura 36. Curso pré-vestibular.

fazer para entrar na Universidade? Um curso preparatório para o vestibular? Pesquisei e encontrei um curso pré-vestibular, totalmente gratuito, oferecido pela

UFSM, o Alternativa. Busquei informações e contato, participei do processo seletivo do curso, e fui contemplada

com a vaga. O Alternativa é um curso preparatório para vestibular que tem como objetivo principal a democratização do acesso ao ensino superior por meio de aulas preparatórias pautadas pela educação popular, ministradas pelos alunos da UFSM. Iniciei os estudos no ano de 2012.

Neste período trabalhava em uma empresa terceirizada de prestação de serviços, muitas noites o cansaço tomava conta do meu corpo. Havia noites que somente meu corpo estava presente. Por alguns momentos pensei em desistir, acreditava que não iria dar conta de tantos afazeres. Mas foi muito enriquecedor passar por estes obstáculos, percebia que estava me tornado uma mulher significativa, dona da minha própria história, determinada e decidida. Com isso me agarrei a todas as oportunidades de crescimento pessoal; cada aprendizagem foi essencial para atingir meu principal objetivo: passar nas provas do vestibular da UFSM.

As Ações Afirmativas abrindo portas por tanto tempo trancadas

Novas portas estavam se abrindo. De acordo com Silva (2011), há um ingresso cada vez maior de alunos oriundos de camadas sociais menos favorecidas e que chegam ao ensino superior à custa de sacrifícios pessoais. Realizei o processo seletivo no vestibular de 2012 para o curso de Pedagogia - Licenciatura Plena, Noturno, sob o critério de Cota EP1 (destinada a candidato egresso do Sistema Público de Ensino Médio com renda familiar bruta mensal igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo nacional per capita).

Cabe ressaltar que, ao optar pelo acesso à Universidade sob critério de cotas, os candidatos precisam se enquadrar na classificação adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. E, assim, fazem sua opção e a auto declaração do grupo racial a que pertencem. Com isso, somente estão aptos a candidatarem-se às vagas pelas cotas sociais, os estudantes que tenham feito seus cursos fundamental e médio exclusivamente em escolas públicas.

Em vistas da necessidade de democratizar o

acesso ao Ensino Superior público no país, a Resolução nº 011/07, em seu art. 6º ressalta: [...] Todos os candidatos, que se submetem aos processos seletivos para os cursos de graduação, serão ordenados segundo sua opção, em uma classificação específica [...] conforme pontuação obtida. Segundo as normas do processo seletivo, devem alcançar a pontuação estipulada para o ingresso no Ensino Superior. A porcentagem de vagas ofertadas por curso inicialmente atendeu a 10% dos candidatos, no ano de 2008, alcançando 15% no ano de 2013 e atingindo a cota máxima de 20% por cursos, nos anos subsequentes.

Assim, ingressei na Instituição. Lembro muito bem do dia em que fui aprovada no vestibular UFSM. Escutei a lista de aprovados no rádio, no meu local de trabalho; gritei, pulei, chorei de emoção, liguei para várias pessoas importantes. Uma dessas ligações foi simplesmente inesquecível.

Um dia lindo no início de 2013. Notícia boa de dar¹⁶...

Transbordando de alegria, hoje liguei para meu pai e disse “Pai passei no vestibular”. Ele falou “Passou no quê?” Falei novamente, “Passei no vestibular”, e ele, em sua santa ingenuidade falou “E o que é isto?” Neste momento pensei em como poderia contar de forma que ele pudesse entender. Então contei assim “Pai, eu passei para ser professora”, e assim deu-se um minuto de silêncio. Meu pai não falava nada, até que conseguiu



Figura 37. Eu e meus pais. 2013.

responder “Que bom minha filha, estou muito feliz por ti, tu vai dar aula para as crianças?” Eu disse “Um dia sim”.

Apesar de, em muitas situações, achar que não haveria possibilidades de entrar na Universidade, eu consegui. Sei que o sistema me favoreceu, mas meu esforço contribuiu muito para que esse sonho pudesse se

¹⁶ Dar boa notícia ao meu pai seu Jorge e a minha mãe Dona Teresa, será melhor do que eu imagino... A primeira filha a ingressar na universidade, com isso a emoção toma conta do meu coração. Registro 2013.

concretizar. De fato, o direito à educação, garantido na Constituição Brasileira de 1988 como dever do Estado, esbarra em conceitos socialmente constituídos e estigmatizados na sociedade brasileira, como o preconceito, a desigualdade social, a baixa qualidade da educação oferecida nas escolas públicas, juntamente com a pobreza e a marginalização, que aprofundam e perpetuam a discriminação e que dificultam o acesso e a permanência no ensino superior. Em vista da necessidade de políticas que acompanhem as ações de acesso ao Ensino Superior, o programa de ações afirmativas, através do Observatório de Ações Afirmativas para o acesso e a permanência nas Universidades Públicas da América do Sul (AFIRME), surge com o objetivo de acompanhar todas as ações relacionadas ao Programa no âmbito da UFSM, dando suporte através do apoio e do acompanhamento sócio pedagógico aos estudantes cotistas. O AFIRME está vinculado à Pró-reitoria de Graduação, que observa o funcionamento das ações afirmativas. A Comissão de Acompanhamento do Programa é composta por professores, por representantes da Pró-reitoria de Graduação

(PROGRAD), da SEDUFMS, da ASSUFMS, da COPERVES, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, do DCE, além de representantes da Comunidade Externa. Sua finalidade é avaliar os resultados, identificar aspectos que prejudiquem sua eficiência e sugerir ajustes e modificações, apresentando ao Conselho Universitário relatórios anuais de avaliação.

GERAL DIÁRIO DE SANTA MARIA
SEXTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO DE 2013

BIXOS DA UFSM

100% de aprovação em vestibular
desde 1999, com o seu
R1 - Avaliação Especial 2012/13 100% de aprovação em vestibular
desde 1999, com o seu
R1 - Avaliação Especial 2012/13 100% de aprovação em vestibular
desde 1999, com o seu
R1 - Avaliação Especial 2012/13 100% de aprovação em vestibular
desde 1999, com o seu
R1 - Avaliação Especial 2012/13

UNIVERSIDADE	UNIVERSIDADE	UNIVERSIDADE	UNIVERSIDADE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO Sistema Unificado Mestre Vargas Góes

riachuelo
vestibular

011 3222.5122 | www.riachuelo.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Sistema Unificado
Mestre Vargas Góes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Sistema Unificado
Mestre Vargas Góes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Sistema Unificado
Mestre Vargas Góes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Sistema Unificado
Mestre Vargas Góes

Figura 38. Lista de aprovados vestibular da UFSM. 2013.

Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena – Noturno.

Iniciei no Curso de Pedagogia (Licenciatura Plena), noturno, no segundo semestre de 2013.

Hoje entendo a necessidade de acolhida para os calouros, pois na primeira¹⁷ noite de aula na UFSM, me sentia a pessoa mais poderosa desse planeta. Estava eu ali como parte da instituição renomada.



Eu entrava na universidade, não como sempre

Figura 39. “Bixo” Pedagogia. 2013.

entrei, como paciente do hospital universitário para dar a luz aos meus filhos; eu, a Acadêmica Carla de Freitas da Silva, filha do seu Jorge e da dona Tereza, mãe de quatro lindos filhos. Estava ali como parte integrante da sociedade Santa Mariense, da qual por muitas vezes me senti tão excluída. Estava entrando na Universidade Federal de Santa Maria para quebrar tabus, conceitos e

¹⁷ A primeira noite de tantas outra de estudo, e ao meu lado o primogênito me aguardando para comemorar esse momento especial, o trote aos “bixos” ano 2013.

(pré) conceitos. E, também, para mostrar, para todos aqueles que duvidaram da minha capacidade, mas, especialmente, para aqueles que acompanharam toda a minha trajetória, que sempre acreditaram e confiaram nos meus objetivos, me dando apoio e incentivo em todos os momentos que precisei, os meus filhos, que é sim possível conquistar os objetivos. A primeira semana na UFSM, foi um momento somente de extasse, de brincadeiras, de recepção à calourada¹⁸, de euforia e de (auto)afirmação pelo ingresso na Universidade. Foi, sem sombra de dúvidas, um dos melhores momentos que vivenciei neste período. Foi uma sensação imensamente



Figura 40. Trote calourada. 2013.

gratificante, foi a concretização de um sonho.

Estava acontecendo diante dos meus olhos. Sentimentos se confundiam, alegria, choro,

felicidade, pensar na possibilidade de estar e ocupar/tomar posse, de um

¹⁸ Registro do momento de recepção e trote aos calouros do curso de Pedagogia Noturno UFSM 2013, momento de descontração, alegria, euforia.

lugar, naquele determinado espaço, destinado, em sua maioria, à elite da sociedade. Saber que precisei enfrentar muitos desafios, ter perseverança, empenho e dedicação. Eu realmente precisava comemorar de diferentes formas, e sentir, mais que a alegria, a euforia de estar ali. Lembravam-me dos objetivos e das batalhas que travei, e mantive a cabeça erguida, com orgulho e admiração por mim mesma, sem jamais me esquecer das minhas raízes e dos reais motivos que me levaram a conquistar essa etapa. Pensando sob o ponto de vista do contexto do qual sou pertencente, estar ali,



Figura 41. Força e resistência.

quebrando conceitos pré-determinados, tinha caráter significativo, uma vez que não haveria possibilidades de inserção sob o ponto de vista da sociedade que se diz igualitária. A (auto)afirmação era fruto desse sentimento conquistado durante os processos formativos. Eu estava com sede de conhecimentos, queria desvelar novos olhares, ter nova visão de mundo, tinha intensa ambição por saber, a determinação movia meus pensamentos de

mudança.

Na semana seguinte iniciaram as aulas e senti um certo choque de realidade; me defrontei com um vocabulário rebuscado.

Acreditava que o ensino fundamental e médio tinham apresentado grandes desafios: pois bem, não imaginava os reais desafios que teria que lidar na Universidade. Novos

conhecimentos, terminologia, denominações, textos,

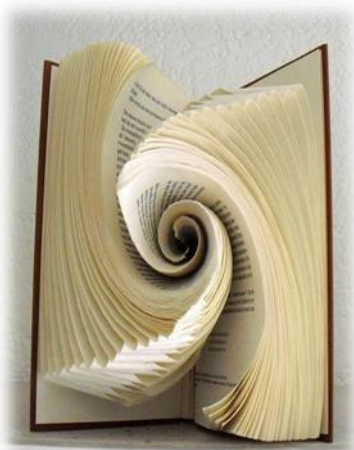


Figura 42. Capital Cultural

autores, resumos, entendimentos e conclusões sobre os pensamentos dos autores. Prepotência dos professores em determinadas abordagens, apesar de em alguns momentos me sentir confusa e não compreender muito bem tudo o que via/lia/ouvia, me esforçava para realizar as atividades solicitadas. Apresentei bom rendimento em algumas disciplinas; noutras, nem tanto. A ausência do hábito cultural da leitura desde a infância, cobrava seu preço na interpretação dos textos solicitados,

apresentando-se como uma grande barreira.

O sociólogo Pierre F. Bordieu apresenta a importância do Capital Cultural na educação, de acordo com os diferentes níveis de acesso cultural que alguns obtiveram. Ou seja, o sujeito que em sua vida teve acesso a variados meios culturais e estímulos com seus familiares, trazendo uma vasta bagagem cultural, vai se destacar na aquisição de conhecimentos e ter mais facilidade na aprendizagem; diferentemente dos alunos mais desprovidos de capital cultural, que apresentarão maiores dificuldades neste processo de aprendizagem.

Metade do ano de 2013. Medos, dúvidas, angústias...

Estou bastante preocupada. Os conteúdos explorados e discutidos no curso não fazem parte da minha vivência, não existiam no contexto sociocultural de onde vim. Estou perdida em meio a tanta informação. Também preciso enfrentar o fato de que alguns professores não estão nem aí para nossas dificuldades. Têm pouca sensibilidade e lhes falta compreensão para com o outro. Hoje, uma professora nos disse "Sabem de uma coisa? Suas vidas vão mudar totalmente. Sabem aquele final de semana, aquela balada, aquela saidinha como o amor? Esqueçam! Isso não fará mais parte do cotidiano de vocês." Fiquei com os olhos arregalados

olhando para minhas colegas e pensando "será que um dia vou sair da faculdade"?

E assim os semestres foram se seguindo, em alguns, tinha melhor aproveitamento, noutros, nem tanto, mas o que mais me chamou atenção aconteceu no terceiro semestre. Cheguei na aula um pouco atrasada, como de costume, por causa do estágio que realizava. Quando me sentei, a aula já estava adiantada. Então, em certo momento, a professora comenta "*vocês devem ler o PPP da escola*". Eu, na minha simples ignorância, pergunto, "Professora, o *que é PPP?*" Ela, com um tom de ironia responde "*A biblioteca é para lá*", apontando a localização, complementa "*e o laboratório de informática é para lá, é só procurar*." Fiquei totalmente constrangida, naquele momento, aquela professora criou um muro entre nós. Nunca mais, em aula alguma, tive a coragem de questionar/perguntar questões que me inquietavam; sempre que alguma dúvida surgia, procurava na internet.

Eu que acreditava que passar no vestibular seria a



Figura 43. Força de Vontade.

parte mais difícil de minha formação, mal sabia o que a graduação me reservava.

Assim que iniciei na faculdade já queria atuar como professora; não queria mais saber de trabalhar no serviço terceirizado, assim pedi demissão do trabalho e me ofereci como estagiária.

Fui selecionada para uma vaga, no período da tarde, em um estágio remunerado, em uma escola de educação infantil particular, no centro da cidade de Santa Maria. Depois de alguns dias, surgiu outra vaga, na mesma escola, para o turno da manhã, e fui convidada a preenchê-la. Devido à necessidade financeira, aceitei trabalhar na dupla jornada. Nesse tipo de estágio, trabalhamos muito e ganhamos muito pouco, tanto que teve dias que mal tinha dinheiro para as passagens do transporte. Ainda assim, acreditava estar entrelaçando teoria e prática, o que compensaria o baixo valor

recebido, enquanto me mantinha na Universidade. Percebi, com o passar dos dias, que isso não passava de ilusão. Outro agravante é ter de sair direto do trabalho para a aula, sem lanche, por que o dinheiro que se ganha mal dá conta das outras despesas. Então, em muitos momentos, torcemos para acabar logo a aula para podermos ir para casa.

No fluir de 2015. Um parêntese sobre a comprovação de um estigma...

Sou acadêmica de Pedagogia há alguns semestres. Já estou atuando como professora, área com a qual tanto sonhei. Assim que surgiu uma oportunidade, eu a agarrei. Estou amando trabalhar com os pequenos, é, realmente, uma profissão muito gratificante. Sinto que estou me auto(trans)formando a cada dia. A única coisa que me deixa triste é o salário, muito baixo e a sensação de exploração que isso me provoca. Mesmo trabalhando dois turnos, o valor não chega a um salário mínimo. Antes, no serviço terceirizado, o salário era bem melhor, mas precisava seguir meu sonho e estar atuando na área pode me ajudar na formação. Com esses pensamentos a me rondar, estava hoje a caminhar pelo centro quando encontrei uma antiga colega do serviço terceirizado. Eu gostava daquele serviço e fiz boas amizades lá, embora não seja um trabalho muito reconhecido, sendo ainda visto como um serviço para aqueles que, por

falta de qualificação, não tenham outra escolha. O encontro com minha ex-colega foi a comprovação do quanto somos estigmatizados pelas nossas possibilidades. Ela me perguntou onde eu estava trabalhando e respondi que era em uma escola de educação infantil. "Na limpeza" ela logo falou. Isso foi como um golpe para mim. Como se eu não servisse para outra coisa a não ser limpar chão. Nunca me senti superior a ninguém, mas, naquele momento, me empoderei, levantei a cabeça e disse "Trabalho como professora na escola". Vi, então, que ela se espantou e ficou no mais absoluto silêncio.

Tenho orgulho por saber que estou conseguindo transformar minha vida de maneira significativa, me livrar dos estigmas criados pelas pessoas, não pelos esforços de outros, mas por mérito próprio. Reflito que, não somente essa pessoa, mas em nossa sociedade as pessoas em geral acreditam fielmente que algumas possibilidades não pertencem a determinadas pessoas, mas, sim, somente para outras, que seriam as privilegiadas pelo nascimento ou sorte, ou outras condições especiais. Isso não está muito distante do meu contexto sociocultural.

Depois da garantia do acesso, dificuldades na permanência.

Zitkoski nos fala que, na última obra publicada em vida, a Pedagogia da Autonomia, Freire nos fala sobre o papel da conscientização na construção de nossa existência, implicando, também a construção de um mundo socio culturalmente mais humanizado. É através da consciência crítica sobre o inacabamento de nosso ser e da nossa atuação em prol de transformar a realidade que nos condiciona "que nós, seres humanos, somos capazes de transcender a nós mesmos e nos humanizarmos como seres em permanente busca do *ser mais*". (ZITKOSKI, 2017, p. 81, grifo do autor).

Na Universidade, alguns professores não levam em conta as dificuldades, os estigmas, a história de vida dos acadêmicos, demonstrando total desconhecimento das dificuldades enfrentadas por eles no decorrer de sua vida. Alunos cotistas, geralmente, são pessoas com ricas histórias de vida e superação. A eles é franqueado o acesso, mas, ainda que existam auxílios sócio econômicos, sua permanência no ensino superior é bastante difícil. Por exemplo, não é considerada a

dificuldade de locomoção daqueles que não tem a facilidade da moradia estudantil e precisam se submeter aos horários de ônibus nos seus deslocamentos casa/trabalho/universidade/casa. Essa foi uma grande dificuldade que tive de enfrentar, em algumas situações. A maioria dos professores entendia minha necessidade de sair da aula alguns minutos antes para pegar o ônibus de volta para casa; outros, não admitiam isso, o que fazia com que eu tivesse de sair da Universidade num horário em que, ao chegar ao centro, não havia horário de conexão. Precisava esperar lá, sozinha, até a meia-noite, para só então entrar no ônibus que me deixaria próxima da minha casa. Ao desembarcar, ainda era necessário caminhar três quarteirões, com muito medo de ser assaltada. Somente permaneci na Universidade por que meus objetivos eram maiores que meus medos.

Assim, estar na universidade pública, através de cotas, traz consigo alguns benefícios ofertados aos acadêmicos, benefícios socioeconômicos da UFSM. Desde o ingresso na universidade, solicitei o benefício socioeconômico (BSE), disponibilizado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), ofertados a alunos que

ingressaram no curso com cota social (EP1, EP1A, L1 e L2), garantindo o direito à alimentação gratuita no Restaurante Universitário em três turnos, Moradia Estudantil (para alunos que não possuem família residindo no município) e Auxílio Transporte de 50% do valor da passagem estudantil dentro de Santa Maria (para alunos que residem em Santa Maria), mas precisam se deslocar diariamente até a sede do curso.

Para estudantes que possuem Benefício Socioeconômico, o Auxílio para Aquisição de Materiais Pedagógicos possibilita que o aluno receba o benefício que deve ser solicitado mediante as orientações do edital semestral, relacionados às disciplinas que o aluno está cursando no semestre. O suporte na aquisição de materiais didáticos, através de valores, são definidos conforme a disponibilidade orçamentária da PRAE e possibilitam aos que ingressam desta forma, meios de custear algumas necessidades básicas de subsistência durante curso superior.

Apesar de a Universidade ofertar auxílios, sinto o fato de não conseguir subsídios necessários para suprir e custear outras necessidades. Por ser a principal

responsável pela renda de minha família, trabalhar com os recursos financeiros ofertados em bolsa não supre minhas demandas pessoais e financeiras.



Figura 44. “Dias das mães”: o melhor presente, meus filhos ao meu lado. 2015.

Minha circunstância é próxima à realidade que Zago evidencia em seus estudos quando fala nos limites acadêmicos impostos pelo tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência, que acabam por limitar o tempo que poderia ser investido em uma maior participação na vida acadêmica:

Vários estudantes se sentem à margem de muitas atividades mais diretamente

relacionadas ao que se poderia chamar investimentos na formação (congresso, conferências, material de apoio) (2006. p. 235).

Minha realidade não me permitiu ingressar em grupos de pesquisas, o que, penso, seria fundamental para o meu desempenho acadêmico, em vista da defasagem com que cheguei à Universidade, com pouca bagagem teórica. Essa possibilidade de uma maior participação em atividades acadêmicas certamente contribuiria, de forma enriquecedora, para aumentar meus conhecimentos.

Ainda que pondere todos esses aspectos, ressalto saber que a situação já foi bem pior e que tivemos um avanço significativo na criação de Políticas Públicas de acesso ao Ensino Superior. Estamos em uma Universidade Pública, e há muitos que lutam para conseguirem estar aqui. Mas será que somente lutar basta? Este questionamento me remete às considerações de Filho (2013) a respeito da representatividade da educação no contexto dos sujeitos. Se, por um lado, acreditamos que a educação, sozinha, não é solução suficiente para as desigualdades encontradas nas classes

mais populares, ainda assim, são, para muitos, a única forma de acesso às oportunidades de melhoria. A educação, assim, também se apresenta

[...] como uma base fundamental e imprescindível para a inclusão destes sujeitos na sociedade, no mundo do trabalho e conseqüentemente na utilização do pleno potencial destes cidadãos para o desenvolvimento do país (FILHO, 2013 p.32).

A contribuição que a educação pode dar, apresenta-se, visivelmente, nas minhas vivências no âmbito da Universidade. As desigualdades sociais e econômicas, de fato, foram obstáculos que exigiram superação e transformação. Contudo, é importante considerarmos que as dificuldades econômicas não foram as únicas a ser enfrentadas. Junto com elas, um amplo complexo de situações impostas à uma graduanda de primeira geração, na totalidade da família.

Há uma luta constante entre o que gostariam de fazer e o que é possível fazer, materializada em uma gama variada de situações: carga horária de trabalho, tempo insuficiente para dar conta das solicitações do curso e outras, de ordem social e cultural, condicionadas pelos baixos recursos financeiros (ZAGO, 2006, pág.235).

Além dos desafios, a universidade nos possibilita a construção das relações humanas que nos auxiliam e nos fortalecem para trilhar nossa caminhada de modo mais ameno. Os grupos construídos no início, seguiram até o fim desta etapa e foram fundamentais para as conquistas que obtive ao longo de meu percurso. Neste sentido, as considerações de Zago (2006) me remetem a analisar as condições de acolhimento que tive no curso de Pedagogia da UFSM. De acordo com esta autora, uma análise sobre a condição de estudantes não se pode furtar de considerar os efeitos relacionados à natureza do curso e ao sentimento de pertencimento ou não ao grupo no qual estão inseridos. Em suas palavras:

A existência de um certo “mal-estar discente” foi relatada pelos estudantes de medicina, direito, agronomia e, em menor proporção, por alunos dos cursos de pedagogia, história, filosofia, letras e outros menos concorridos, e que apresentam, portanto, menor grau de heterogeneidade. (pág. 236).

Realmente, a configuração da turma da qual participei era mais ou menos homogênea, de forma que, esse "mal-estar discente" relatado pela autora, não foi relevante, no meu caso. A configuração social dos estudantes da turma com a qual realizei meu percurso formativo foi, inclusive, fundamental. Laços de amizade¹⁹ criados foram essenciais. Por vezes, a dinâmica de aula, proposta pelos professores, solicitava que fizéssemos trabalhos com colegas que não estávamos acostumadas a trabalhar, o que é natural em todos os grupos; as pessoas se aproximam mais ou menos umas das outras pela afinidade. Nesses momentos, o trabalho fluía naturalmente. Assim, considero ter sido abençoada com colegas que se somaram na minha busca por ser mais.



Figura 45. Uma noite em aula. Pedagogia, UFSM, 2014.

¹⁹ Registro desses laços de amizade construídos em sala de aula com minha grande amiga Adriana (meio da foto) e Sheila (dir.) Ano 2014.

Personifico meu agradecimento especial na figura da colega Adriana e, através disso, presto meu reconhecimento aos demais colegas. Faço isso, por que, com essa colega, construí laços de amizade que perpassam a vida acadêmica, pois que, ambas levaremos para a vida. Adriana foi meu braço direito e esquerdo, em todos os momentos, brigamos, nos lamentamos, dividimos preocupações, falamos sobre nossos anseios, choramos e rimos juntas. Enfrentamos muitas barreiras, desafios e emoções. Recordo-me de uma aula, no quinto semestre do curso, estávamos discutindo sobre as infâncias, e, neste momento, a professora perguntou o que mais havia marcado nossas infâncias. Quando chegou a minha vez, comentei com emoção. "Foi nunca ter tido uma boneca, pela falta de condições dos meus pais". Adriana não falou absolutamente nada, ficou em silêncio, somente observou o meu relato. A aula continuou e logo esse tema estava esgotado. Os dias se seguiram, logo terminou o semestre; o final do ano e o natal aproximavam-se. Estava entusiasmada, o ano e o semestre foram excelentes, com conquistas pessoais e profissionais.

24 de dezembro de 2015: Um presente esperado a vida toda...

O semestre foi muito rico em aprendizagens. O final do ano chegou e estou muito feliz. Este Natal é especial. Posso comemorar. Nossa ceia foi linda e já é meia noite. Meu marido, Davi, foi buscar uma coisa. Disse que era



Figura 46. O Presente.

uma encomenda. Voltou com um pacote. Meu coração acelerou. Um presente. Ganhei tão poucos na vida. Estou muito curiosa e também ansiosa. Abro toda desconfiada. Acho que isso é alguma brincadeira, mas abro mesmo assim. E então, revela-se a mim um presente muito desejado durante toda a minha infância, algo que sempre quis: uma boneca. Não uma boneca qualquer. Uma boneca feita especialmente para mim. Aquela boneca com a qual tanto

sonhei. Mergulhei no passado e muitas lembranças surgiram. Não pude conter minha emoção. Lembrei os muitos natalis em que eu e meus irmãos não tínhamos nada, nem para comer, que dirá presentes. Lembrei que ficávamos olhando as outras crianças brincarem. Chorei feito criança. Estava feliz, mas as lembranças, como brasas, ainda me feriam. Senti dor,

e, ainda assim, tive uma sensação libertadora. Voltei no tempo e me senti novamente criança. Não uma criança pobre, mas uma criança feliz com seu presente precioso. Uma criança como todas deveria ser. Vivenciar esse momento foi muito importante. Lavei a alma chorando, depois ri.. um riso solto e leve, como há muito não tinha...

A grande responsável por esse “presente especial” foi Adriana, minha amiga, minha parceira de estudos, a colega que amo muito, uma pessoa que, assim como a boneca que ela me deu, representa um presente que a graduação me proporcionou. Como menciona o grande filósofo Aristóteles, “Sem amigos ninguém escolheria viver, mesmo que tivesse todos os outros bens”. Os bens materiais se vão, o que realmente permanece é a essência, os sentimentos e as relações que construímos durante nossa vida.



Figura 47. A Força da Mulher, 2016.

O que posso dizer depois disso tudo: a síntese.

Neste momento em que estou prestes à finalizar minha graduação, há alguns dias da tão sonhada formatura, não há como deixar de pensar em todos os momentos e em todas as experiências que me constituíram.

Perpassando tempos de desistência e persistência, momentos de intensas lutas diárias para conseguir estar aqui, neste espaço/tempo/lugar, reconheço que é apenas um lugar no sentido da minha trajetória, mas é um lugar que significa o meu lugar na sociedade, o lugar especial na vida da minha família, o lugar no qual quero trabalhar, meu lugar de fazeres e aprenderes, de formação e

auto(trans)formação. Meu lugar de ser gente. Hoje me sinto bem mais forte. Sei que posso traçar objetivos e atingi-los. Empoeirei-me²⁰ como mulher que não fraqueja diante das batalhas que enfrenta ao longo da trajetória. Tenho consciência das dificuldades que enfrentei, nada foi fácil, mas, quem disse que seria? Ao longo desses dez anos em que venho trilhando o caminho formativo, um misto de sentimentos estiveram presentes. Superei situações que acreditava fielmente que não superaria. Hoje, tenho plena convicção de que precisamos acreditar mais nos nossos potenciais, de que não precisamos nos submeter à dominação. É preciso força e coragem para arriscar-se, para oportunizar, a nós mesmas, as mudanças sociais, afetivas e cognitivas que queremos que se manifestem em nossa vida.

²⁰ O empoderamento, para Freire, é "um processo que emerge das interações sociais em que nós, seres humanos, somos construídos e, à medida que, criticamente, problematizamos a realidade, vamos nos 'conscientizando', descobrindo brechas e ideologias; tal conscientização nos dá 'poder' para transformar as relações sociais de dominação, poder esse que leva à liberdade e libertação" (GUARESCHI, 2017, p.147).



Figura 48. “Família Crescendo” as noras confraternizando conosco no Natal. 2017.

Tive muitos apoiadores no caminho. Sei que, sem eles, a caminhada seria bem mais árida. Meus filhos foram minhas maiores motivações para continuar, me deram forças quando eu estava desistindo (até da própria vida), me deram incentivo para prosseguir. Ao mesmo tempo, minha determinação serviu de espelho para as vidas dos meus filhos. Transformei-me em figura de respeito, de orgulho e de admiração, sendo o exemplo vivo da força e da determinação, auxiliando as escolhas pessoais e profissionais deles enquanto me transformava na pessoa mais feliz desse mundo, por conseguir guiá-los na busca de suas próprias escolhas.



Figura 49. “Conclusão de um Ciclo”. Ensaio fotográfico para a formatura. Maio 2018.

O que posso, ainda, dizer sobre o papel emancipatório da Educação? Para Freire, a educação contribui para o processo de transformação social a medida em que supera a prática da dominação e constrói uma prática de liberdade, na qual os educandos consigam assumir seu protagonismo durante o processo, dialogando e construindo o conhecimento através da "análise crítica das relações entre os sujeitos e o mundo".

Compreendo que a educação, sozinha, não consegue construir uma sociedade emancipada. No entanto,

"O educador comprometido com a construção de um projeto político transformador constrói a sua docência voltada para a autonomia do educando, valorizando e respeitando a sua cultura e o seu acervo de conhecimentos empíricos junto à sua individualidade". (MOREIRA, 2017, p.145).

Tive a felicidade de encontrar muitos educadores desse tipo no meu percurso formativo, tanto na Educação de Jovens e Adultos, quanto no Ensino Superior e, ainda, no início de minha trajetória escolar, no convívio com professores que professavam esse tipo de educação emancipatória.

A falta de políticas educacionais inclusivas, no Brasil, perdurou até poucos anos atrás. As Ações Afirmativas vieram trazer um alento, uma esperança e uma possibilidade real de mudança. Graças a essas ações, pessoas como eu, com histórico de exclusão, tiveram uma oportunidade de ascender ao Ensino Superior. Muito já foi feito, e o caminho ainda é longo até que tenhamos uma situação de justiça social. É preciso engajamento de todos os profissionais da educação nessa luta por melhores condições de acesso, bem como

de oferta de condições de permanência.

Estamos vivendo uma era em que a educação é vista como um negócio rentável, transformada que foi, pelo mundo capitalista, em um mercado emergente. Recursos públicos são maciçamente aplicados no Ensino Superior privado e poucos recursos são destinados à educação pública. Políticas de Ações Afirmativas têm ampliado as oportunidades de ingresso nas Universidades Públicas, apesar de não garantirem a permanência nela. As taxas de evasão e de desistência são alarmantes. Se o acesso via Ações Afirmativas está sendo garantido, agora, a luta precisa ser pela criação de mecanismos que auxiliem a permanência e o sucesso desses ingressantes até a conclusão nos cursos escolhidos.

Ainda sobre a educação emancipatória e sobre o que a educação pode representar no processo de transformação dos sujeitos, trago o exemplo de meus filhos, na compreensão de que meu próprio percurso formativo está sendo, para eles, o exemplo vivo do poder da educação.



Figura 50. “A prova Viva do poder emancipatório da educação”. 2018.

Em muitos momentos me vi revivendo e retornando a um processo que reproduzia, em muito, a vida que tive quando pequena. Mas, hoje, posso ver que a família que construí foi capaz de progredir e superar todos os obstáculos que foram surgindo. Cada um deles se encontra firme na busca de sua própria formação, pessoal e profissional. O mais velho já concluiu os estudos na educação básica, no Curso de Metalurgia do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria (CTISM) e está atuando na área. O segundo filho também terminou a educação básica e esteve, durante a adolescência, trabalhando como aprendiz (auxiliar administrativo), na

Caixa Econômica Federal, foi aprovado em Educação Física, na Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES), e em Contabilidade, no Centro Universitário Internacional (UNINTER), mas optou por investir na Carreira Militar, por enquanto. O terceiro está cursando o Ensino Médio, no Instituto Olavo Bilac, concluiu o Curso de Eletricidade na Escola Municipal de Aprendizagem Industrial (EMAI), e pensa em fazer o Curso de Artes da UFSM, já que tem interesse na área, já realizou alguns cursos e hoje trabalha como tatuador. O quarto filho cursa o sétimo ano do Ensino Fundamental na Escola Pão dos Pobres. Por fim, meu esposo, grande incentivador do meu percurso formativo, também formou-se através do Programa de Educação de Jovens e Adultos e, hoje, cursa a Licenciatura em Matemática, na UFSM, tendo ascendido ao Ensino Superior em 2015.

Sendo uma estudante de graduação de primeira geração, desejo que minha história pessoal possa incentivar, e ser o impulso que faltava, para que outras pessoas, outras mulheres vivendo em situação de submissão ou de exclusão, acreditem que podem trilhar o caminho da auto(trans)formação, da autonomia e da emancipação, superando seus próprios limites. Deixo a minha história para que outros e outras possam compreender o poder da educação na transformação social que todos almejamos; na denúncia do presente, se intolerável, e no anúncio do futuro que queremos ver instalado. Por que "a vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo" (REDIN, 2017. p.60).



Figura 51. “Eu consegui”!

REFERÊNCIAS:

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória narrativas e pesquisa autobiográfica**. A História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPel, Pelotas, n 14, p.75-95, set. 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf>. Acesso em: 26/05/18.

AUSUBEL, D.; NOVAK, J. e HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro:Interamericana, 1980.

BORI, Carolina M.; DURHAM, Eunice R. **Eqüidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro**. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000. 61p. : tab.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência** Universidade de Barcelona, Espanha. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível In: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 26/05/18.

BRASIL, Ministério da Educação. Inep. **Censo da Educação Superior**, 2012.

BRASIL, **Constituição Federal de 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaoacompilado.htm. Acesso em 20/06/18.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade**. Universidade de São Paulo.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em: ><http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>. Acesso em: 26/05/18.

DIÁRIO ESCOLA. A Evasão Escolar é um dos grandes problemas da educação no Brasil. DÓRIS Fialcoff. Disponível em: <https://diarioescola.com.br/2018/01/evasao-escolar/>>. Acesso em 13/06/18.

FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo. Cortez e Moraes. 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2016.

FILHO, Rubem T.de Jesus. **Contrariando a sina: da educação de jovens e adultos ao ensino superior**. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho. Empoderamento. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo. Cortez. 2004.

KRAMER, Sonia. **A infância e sua singularidade**. In: BRASIL. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores, escritos sobre experiências**. 1ª ed.. Belo Horizonte. Autêntica. 2016.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins, e NOGUEIRA Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002. Disponível In:><http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v23n78/a03v2378.pdf>
Acesso em: 18/04/18.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a Formação**. Natal, EDUFRRN; São Paulo:Paulus, 2010.

PASSOS, Luiz Augusto. Tema Gerador. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

REDIN, Euclides. Alegria. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

ROSSATO, Ricardo. Domesticação. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. **Já se mete a colher em briga de marido e mulher**. In: São Paulo em Perspectiva, Revista da Fundação Seade, v.13, nº 4, out-dez/1999, p. 82-91. Número especial: A Violência Disseminada.

SANTA MARIA. RS. **Plano Municipal de educação**. Disponível em <http://www.santamaria.rs.gov.br/smed/102-plano-municipal-de-educacao>. Acesso em 21/06/18.

SILVA, J. M. **Caminhos para a democratização do acesso, permanência e aprendizagem na universidade**. Revista Internacional D'Umanitats, São Paulo, n. 23, p. 39-44, out.-dez. 2011. Disponível em: <www.hottopos.com/rih23/39-44jair.pdf>.

UFSM. **Relatório Anual do Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social**. AFIRME. 2008-2011. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/afirme/images/RELAT%C3%93RIO-2014-2015.pdf>>. Acesso em: 25/03/18.

UFSM. **Resolução nº 11 de 13 de julho de 2007**. Institui o Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social na UFSM. Santa Maria, 2007.

ZAGO, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares.** UFSC, Programa de Pós-Graduação em Educação. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ZITKOSKI, Jaime José. Condicionado/Determinado. In STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG. 3ª ed. Autêntica Editora. 2017.

Anexo I – Lista de figuras

Figura 1. Transformação. RIEHL, Sophie savoir gérer le travail sur soi 2015. Disponível em: <https://lapressegalactique.com/2015/05/21/savoir-gerer-le-travail-sur-soi/>. Acesso 27/05/18.

Figura 2. Auto(trans)formação. Imagem retirada da internet. Desconheço a fonte.

Figura 3. Aniversário de 1 ano do primeiro filho (1997). Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 4. Escola Cicero Barreto. Fonte: Central Sul Escolas Agencia, Divergências entre MEC e escolas públicas com nova proposta curricular. 2012. Disponível em: <http://centralsul.org/2012/divergencias-entre-mec-e-escolas-publicas-com-nova-proposta-curricular/>. Acesso em 16/06/18.

Figura 5. Professora Solange Ferraz. Fonte: Rede social, Facebook, 2018.

Figura 6. Amparo. Fonte: Macedo, Tania. A importância da co-terapia no tratamento de casos clínicos difíceis, IPC-RJ. 2016. Disponível em: <http://ipcrj.com.br/coterapia/>. Acesso em 08/06/18.

Figura 7. Escola Bandeira Medina. Arquivo pessoal da autora. 2013.

Figura 8. Trabalho Infantil. Fonte: <https://bloodshed14.w>

ordpress.com/. Acesso em 06/07/2018.

Figura 9. Aniversario na casa da minha amiga. Fonte: Arquivo pessoal da autora. Ano1989.

Figura 10. Comemoração de Final de Ano. Fonte: Arquivo Pessoal, 1993.

Figura 11. Submissão. Fonte: Harpreetl SM, pinterest, 2018. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/322640799147476/> Acesso em 31/05/18.

Figura 12. Grávida do terceiro filho. Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2001.

Figura 13. Terceiro filho com 1 dia de vida. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2001.

Figura 14. O caçula com 1 mês. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2005.

Figura 15. Meus filhos, meus príncipes. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2005.

Figura 16. Desestruturação Familiar. Fonte: Dreamstimeo conceito do divorcio, 2009. Disponível em: <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-fam%C3%ADlia-quebrada-distante-image62741199> Acesso em 20/05/18.

Figura 17. Aniversário meu segundo filho. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2008.

Figura 18. Apoio. Fonte: Malta Nádia, regras de Meditação, Colo do pai. 2015. Disponível em: <http://ocolodopai.blogspot.com/2015/10/meditacaonadia-maltaas-maos-estendidas.html>.

Figura 19. Circo ASEMA. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2008.

Figura 20. A esperança. Uma luz no fim do túnel. Fonte: <http://minhalmaempoesia.blogspot.com/2010/08/luz-no-fim-do-tunel.html>, 2010.

Figura 21. Transformação. Fonte: Body Art, Arte do corpo, Toda matéria, (artes). 2015. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/body-art/>. Acesso em: 26/05/18.

Figura 22. Dificuldades. Fonte: Perin Bruno, comportamento empreendedor, 2016. Disponível em: <https://www.brunoperin.com/blog/comportamento/enfrente-dificuldade/> Acesso em 22/06/18.

Figura 23 – Esforço. Fonte: Moreira, Wellington, Trabalho significativo versus esforço inútil, caput consultoria 2017. Disponível em: <http://caputconsultoria.com.br/trabalho-significativo-versus-esforco-inutil/> Acesso em: 07/05/18.

Figura 24. Restruturação. Fonte: Reidhead Nathaniel, Poets. Me, Myself, I and You ,2018. Disponível em: <https://poets.media/me-myself-i-and-you>. Acesso em 13/04/2018.

Figura 25. Expansão; Crescimento. Fonte: Sanz Angeles, Vidya Crecimiento Personal Crecimiento y lugares. 2014. Disponível em: <http://ribalych.ru/wp-content/uploads/2014/08/36114.jpg> Acesso em 23/04/18.

Figura 26. Determinação. Fonte: Macedo, Rita, Textos Recanto das letras, 2017. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/pensamentos/6178007> Acesso em 15/05/18.

Figura 27 - Reconstrução. Fonte: Zeph Daniel, Broken Mirror, 2017. Disponível em: <http://zephdaniel.podbean.com/mobile/e/broken-mirror/> Acesso em 07/06/18.

Figura 28. Visita esperada: Vó Geneci. Arquivo pessoal da autora, 2012.

Figura 29. Dia das mães, alegria com a família. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2011.

Figura 30. Fragmento de redação escrita em 2009. Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 31. Novos Olhares. Fonte: Junior Eduardo, A arte surreal de Cyril Rolando, Weblog, 2015. Disponível em: <https://eduardojunior.wordpress.com/2015/08/11/a-arte-surreal-de-cyрил-rolando/>. Acesso em 28/06/18.

Figura 32. Nova oportunidade para o amor. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2011.

Figura 33. Coração Aconchegado. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2011.

Figura 34. Curso de Formação Portaria e Vigia. Pronatec
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2012.

Figura 35. Aniversário de 13 anos do segundo filho.
Fonte: arquivo pessoal da autora, 2012.

Figura 36. Logotipo do Curso Pré-Vestibular Alternativa UFSM, 2012.

Figura 37. Eu e meus pais. Fonte: arquivo pessoal da autora, 2013.

Figura 38. Lista de aprovados vestibular UFSM. Fonte: Jornal Diário de Santa Maria, 2013.

Figura 39. “Bixo” Pedagogia. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2013.

Figura 40. Trote calourada. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2013.

Figura 41. Força e resistência. Fonte: nominimo, correntes 2013. Disponível em: <http://www.nominimo.com.br/correntte.html>. Acesso em 10/07/18.

Figura 42. Capital Cultural. Fonte: Peñalver González 2017. Disponível em: <https://www.pinterest.es/pin/565835140667893354/>. Acesso em 21/06/18.

Figura 43. Força de Vontade. Fonte: Daniella I. artspan, 2012. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/341358846735646711/> Acesso em 01/07/18.

Figura 44. “Dias das mães”: o melhor presente, meus filhos ao meu lado. Arquivo pessoal da autora, 2015.

Figura 45. Uma noite em aula, Curso de Pedagogia, UFSM. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2014.

Figura 46. O presente de Natal. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2015.

Figura 47. A força da mulher. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2016.

Figura 48. “Família Crescendo”: noras confraternizando conosco no Natal. Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2016.

Figura 49. “Conclusão de um Ciclo”. Ensaio fotográfico para a formatura. Fonte: Arquivo pessoal da autora, maio, 2018.

Figura 50. “A prova Viva do poder emancipatório da educação”. Ensaio fotográfico para a formatura. Fonte: Arquivo pessoal da autora, maio, 2018.

Figura 51. “Eu consegui!” Ensaio fotográfico para a formatura. Fonte: Arquivo pessoal da autora, maio, 2018.